

FRANCISCA DE MATOS (CHIQUITA)

(17/ 03/ 1926 – 20/01/2021)

Francisca de Matos, carinhosamente chamada Chiquita nasceu em Caçador em 17 de março de 1926.

Foi uma das primeiras cabeleireiras a estabelecer-se com seu salão para atendimento ao público feminino dessas duas cidades.

A arte de realizar belos penteados, conforme gostava de citar, aprendeu com a senhora Herondina Targa proprietária do centro de beleza “A Fidalga“ na rua Siqueira Campos, onde atualmente está uma floricultura. Ali, desenvolveu também a habilidade de manicure.

Seu próprio salão foi instalado na residência dos pais, na esquina das ruas 7 de Setembro com Cel. Rupp, onde está hoje o Posto de Combustível Iguaçu.

Mais tarde a família mudou-se para a rua Prudente de Moraes e Chiquita continuou ali seus trabalhos profissionais , dedicando-se ainda aos seus entes queridos até o final de sua vida.

Participou da vida cultural da população através das programações realizadas na educação, no civismo,na religião, no esporte e no social.

Integrou o Grêmio da Primavera, agremiação que foi criada pela juventude feminina no Clube Concordia. Juntamente com sua irmã Astrogilda assumiu a instalação da Biblioteca cel Cid Gonzaga naquela sociedade.

Fez parte de bancas julgadoras em diferentes concursos realizados pela sociedade de Porto União e União da Vitória.

Representante de uma Agência de Viagens foi guia turístico nas várias excursões realizadas pelo Brasil e Argentina.

Carnavalesca, criou e participou de muitos blocos nos clubes das cidades.

Francisca de Matos faleceu em 20 de janeiro de 2021 em Porto União , onde repousam seus restos mortais.

Martha Francisca Thomas (1913-2000)

Leni Trentin Gaspari



Martha Francisca Thomas, era filha de Maria e Jose Simkovich, nasceu na Áustria em 09 de dezembro de 1913. Veio ao Brasil, para São Paulo com seis anos de idade aproximadamente. Mais tarde morando em União da Vitória casou-se com Ricardo Fernando Thomas e teve uma descendência numerosa: Germano Mário, Ernesto José, Ingeborg, Irene, Renate, Ricardo Carlos, Marisa e Renato. Marisa, Ingeborg e Renate, filhas da parteira Martha me apontaram um caminho mais seguro para a construção deste texto. Escreveram lindos depoimentos os quais me permitiram relatar maiores detalhes sobre a vida da querida parteira dona Marta. Segundo elas, responder aos meus

questionamentos foram momentos de muitas alegrias, mas também de lágrimas pela emoção do recordar sobre a vida da sua mãezinha

Família extensa para uma mãe sempre ocupada trabalhando fora muitas vezes dias e noites. Isso não impediu que ela fosse mãe dedicada, mas também exigente, educou seus filhos de forma que também assumissem tarefas em casa ela delegava funções para os filhos cuidar da casa, dos menores, os mais velhos tinham que cozinhar e limpar a casa, ou melhor fazer os serviços domésticos, encarando a vida com humor e trabalhando sempre, afirma Marisa. (SCHWARTZ, 2016).

Escrever sobre dona Martha, mexe com minhas emoções mais profundas pois foi ela que me atendeu no momento do nascimento das minhas três meninas. Volto no tempo e me dedico ao ato de lembrar. Lembro-me da sua forma carinhosa ao chegar na minha casa quando os bebês estavam para nascer e com muita paciência ia explicando, “___ está tudo certo filha... é assim mesmo e como ainda vai demorar, vamos fazer um chimarrão?” Podem imaginar se eu estava com vontade de tomar chimarrão?

Assim era Dona Marta, calma, tranquila e com palavras animadoras contava muitas histórias à futura mãe e pai e aos avós que sempre estavam presentes aguardando a chegada dos netos. Enquanto aguardava já pedia as avós que colocassem no fogo pedaços de uma galinha bem gorda para oferecer um caldo à mãe depois que o bebê nascesse. Após o nascimento, passava várias

orientações sobre os cuidados necessários para a mãe e o bebê: "pentear os seios para vir muito leite, tomar bastante líquido para aumentar o leite, repousar bastante." Em seguida ia para sua casa de bicicleta e não aceitava que alguém a acompanhasse, a noite e as vezes de madrugada, e dizia" estou acostumada, não tem problema nenhum, vou sozinha num instantinho". E assim, até que o umbigo da crianças caísse, ela vinha todos os dias olhar a mãe e o bebê, queria saber se a mãe estava se alimentando bem, se estava fazendo repouso e se o bebê mamava direitinho. Dava o banho no bebê, fazia o curativo no umbigo e dava alguns conselhos para a mãe: "___ nada de lavar a cabeça menina, só depois que passar a dieta," que durava 40 dias. Sob seu olhar atento e sábio ela tinha tudo sob controle sobre a saúde dos dois. Não era só parteira acompanhava com olhar de médica pela experiência e conhecimento de tantos anos de trabalho.

De estatura pequena, cabelos e olhos claros sua presença irradiava alegria quando chegava na casa das suas pacientes. Embora tivesse sotaque estrangeiro seu coração era brasileiro, não fora assim, não teria ajudado com seu trabalho tantas mãezinhas pobres que necessitavam de ajuda como ela o fez tantas vezes. Além do atendimento ao parto, de "aparar os bebês", ensinava as mães mais humildes, noções de higiene e cuidados com a saúde delas e dos bebês. Sua preocupação era tanta que levava a quem precisava toalhas, sabonetes e o que mais estivesse

faltando. Cobrava apenas de quem pudesse pagar. Isso demonstra seu coração generoso e espírito humanitário.

Atendendo a domicílio, quando era mais distante, deslocava-se de carroça, de taxi e muitas vezes caminhando. Havia famílias que vinham buscá-la de carro. Marisa relata que houve certas situações que muitas pacientes tiveram os bebês na casa dela mesmo e ela cuidava delas até que pudessem retornar aos seus lares. Seus amigos e vizinhos que viam a dedicação dela para com o próximo e preocupados pelo fato dela andar muito fizeram uma rifa para comprar uma bicicleta, para ajudar na sua função de parteira, para ela não ir a pé. Era o sinal de reconhecimento pela pessoa dedicada e altruísta que ela era.

Sobre o seu trabalho de parteira é certo que ela iniciou –se na profissão em 1947, em União da Vitória e municípios vizinhos. Mas não ficou apenas no atendimento a domicílio, conforme sua filha:

___ Ao longo dos anos foi trabalhar em hospitais, APMI e Farah, mas continuou atendendo em casa de pacientes conhecidas dela. Fez alguns cursos na cidade e sempre que necessário era assistida pelo Dr. Bertazo e o Dr. Barbosa. Estudava muito num livro escrito em alemão que ela lia muito e com sua experiência do dia a dia controlava a situação com calma e sabedoria .Ao longo de sua vida atendeu mais de 300 partos. (SCHWARTZ, 2016).

Marisa relata que a maior dificuldade encontrada por dona Martha nos seus anos de parteira foi o fato de afastar-se muito da família “___ [...] havia casos em que ela ficava vários dias fora de casa. Mas sempre colocou seu trabalho em primeiro lugar, era por uma boa causa colocar pessoas no mundo.” (SCHWARTZ, 2016). O reconhecimento pela sua dedicação, competência e amor ao seu trabalho de parteira lhe rendeu um grande número de afilhados. Dona Martha trabalhou até o final dos anos setenta, completando mais de 30 anos de trabalho ininterrupto, sem contudo, conseguir aposentadoria que lhe permitisse ter uma renda melhor para sua velhice. Faleceu em União da Vitória a 10 de maio do ano 2000, deixando muitas saudades na família e em todos que conviveram com ela.

Encerro este texto mostrando um pouco da Martha mulher: inteligente, alegre, olhos vivazes e brilhantes sempre atentos a tudo que se passava ao seu redor. Seu sonho? Ter uma enfermeira formada na família. Realizou-se com a formatura da filha mais nova Marisa. Adorava dançar, ir a bailes com seu esposo e outros casais. Outra alegria sua era jogar boliche no Clube 25 de julho. Sua maior paixão era cultivar e cuidar das suas rosas e hortênsias. Sempre que sobrava um tempinho lá estava ela a cuidar das suas flores. Banhava-se no Rio Iguaçu sem a maior preocupação, tudo era alegria. Adorava tomar um chimarrão com suas comadres e jogar um “pife” quando sobrava um tempinho. Vejamos quantas mulheres numa só? Martha esposa, Martha mãe,

Martha parteira, Martha dançarina, Martha atleta, Martha jardineira, Martha nadadora Martha organizadora de roda de chimarrão e pife. E ainda teve tempo para “aparar” 300 bebês!!

Martha era uma supermulher!

METHA LUISE MOECKE (11/09/1913)

Therezinha Wolff

Maristela Stelmachuk

Nascida na Alemanha, na divisa com a Polônia, filha de Edward Will e de Emilia Hilscher, em 11 de setembro de 1913. Metha Luise Moecke veio para o Brasil com a idade de 10 anos.

Inicialmente a família foi residir no Rio de Janeiro. A diferença climática encontrada entre os dois países não permitiu que se acostumassem em local tão quente e retornaram para a Alemanha. Entretanto com o País em guerra, a família voltou ao Brasil, pelo navio Poconé, em 1919, indo morar em Cruz Machado. Mas, se tratando de uma pequena localidade, a falta de recursos fez com que a família viesse fixar sua residência em União da Vitória.

Construiu sua casa as margens do rio Iguaçu, local que favoreceu a família para a prática de esportes aquáticos. Com frente para a Rua Coronel Amazonas, Metha, com a ajuda de sua nora Miraci, plantou pinus, palmeirinhas e azaleias na extensão do Estádio Municipal Antiocho Pereira até a linha ferroviária, divisa com Porto União, com o incentivo de desenvolver nas pessoas o hábito de plantar, distribuiu aos interessados mudas de pinus e araucárias. Podemos dizer, que foi

com a criatividade e o bom trabalho de Metha que teve início o ajardinamento das vias centrais de União da Vitória.

Embora competente cuidadora da casa e de sua família, gostava de praticar esportes aquáticos como velejar, nadar e esquiar, hábitos que passou aos filhos e netos. Era uma mulher a frente de seu tempo. Segundo sua nora Miraci, numa ocasião quando esta foi criticada por ser uma mulher a dirigir automóvel, Metha veio em sua defesa afirmando que para ser motorista os direitos não cabiam somente ao homem.

Sempre atenta a importância da preservação ambiental, com seu esposo Ferdinando, cuidaram do local descoberto pelos tropeiros, que deu início ao povoado de Porto União da Vitória. Ali residindo, Metha teve a oportunidade de retratar, da varanda de sua casa, a travessia de tropas pelo Vaú do Iguaçu.

Por iniciativa da Academia de Letras do Vale do Iguaçu, com o consentimento da família Moecke, foi colocada uma foto no marco do Váú ali construído pelo Poder Público de União da Vitória.

Metha Luise Moecke faleceu em União da Vitória dia 14 de maio de 1982, deixando uma importante contribuição à cidade pela sua iniciativa no que tange a preservação ambiental.

Parteira: Maria Ondina dos Santos (1900-1975)

Leni

Trentin Gaspari

Para conhecer um pouco da história da parteira Maria Ondina, fui ao encontro da Sra. Dinorá dos Santos, sua neta, residente em União da Vitória, no Bairro Navegantes.

Dinorá relatou-me que a parteira Maria Ondina, sua avó, exerceu a profissão por muitos anos na cidade de União da Vitória. Era filha da Sra. Maria Quitéria dos Santos. Nasceu em 13 de janeiro do ano de 1900 na cidade de Palmas e faleceu em 13 de fevereiro de 1975, aos setenta e cinco anos de idade em União da Vitória. Exerceu a profissão por muitos anos, mesmo sendo portadora de cegueira.

Ao perceber que a entrevistada era bem extrovertida e tinha muita facilidade em relembrar sobre sua querida avó pedi que ela me relatasse sobre que lembrava da sua avó, enquanto parteira. Dinorá, sorridente falou: “ vou contar desde o começo” :

___ Minha avó casou-se aos 17 anos em Palmas e no período de resguardo, dieta, do seu segundo filho ela ficou cega aos dezenove anos, com dois bebês pequenos. Logo em seguida perdeu seu marido que foi mordido por uma cobra venenosa. Sozinha com filhos pequenos, Maria Ondina teve ajuda de muitos amigos. Um casal que veio para o Bairro São Pedro, na época era chamado de “Tocos”, trouxe ela e as crianças junto. Mais tarde veio morar no Bairro Navegantes, vivendo em um casebre nos fundos da casa de uma família de poloneses. A mulher polonesa estava

grávida e certo dia começou a sentir as dores do parto, o bebê nascendo vovó viu-se obrigada a fazer o parto. Correu tudo certinho! Esse bebê chamou-se Alexandre Lesch e quando cresceu foi meu padrinho muito querido. (SANTOS, 2018)

A notícia do parto feito pela Maria Ondina foi se espalhando e ela foi ficando cada vez mais conhecida. Numa época em que poucos médicos existiam na cidade e que o costume era os bebês nascerem em casa com apoio das parteiras não foi difícil que Maria Ondina desse início a esse atendimento às mulheres grávidas nas proximidades de onde morava, e depois em pouco tempo e passou a ser chamada para atender gestantes em vários lugares.

Outras pessoas de fora vinham buscá-la até três dias antes do bebê nascer pelo medo que os familiares tinham de o bebê nascer sem assistência de uma parteira. Precisamos considerar que as distâncias eram grandes, os meios de comunicação precários eram importante não correr riscos. Dinorá conta que a avó indo antecipadamente já começava o atendimento à gestante, com chás e massagens permanecendo algumas vezes junto a família por mais dias após o nascimento para atender a mãe e o bebê. Isso demonstra a responsabilidade e carinho que a parteira Maria Ondina tinha com para com as mulheres e bebês que atendia. O parto em casa cria um vínculo definitivo entre a parteira e a mulher assistida. Era comum saírem das casas deixando um afilhado, assim tiveram muitos afilhados.

Intrigada pelo fato da parteira Maria Ondina não enxergar, pedi que Dinorá me falasse um pouco sobre isso, que a meu ver deveria constituir enorme dificuldade para ela deslocar-se e exercer o atendimento com segurança. Dinorá informou que alguém da família da gestante vinha buscá-la e a conduzia de trem até Engenheiro Melo e região. Para outros lugares ia de carro e nas proximidades a pé mesmo e não consistia em dificuldades para sua avó inclusive na realização do parto bem como nos benzimentos e na indicação de remédios. Nas palavras de Dinorá:

___ Ela nos contava que nunca a cegueira lhe atrapalhou para trabalhar porque ela estava cega dos olhos e não da alma. Como ela também fazia benzimentos e orações, dizia que enxergava os remédios passando na sua frente. Ficava feliz em contar que nunca perdeu nenhuma mãe e nenhum bebê. Sabia exatamente onde deveria ser cortado o umbigo dos bebês. Dava o banho e enfaixava. Pelo toque e massagem na barriga sabia o momento certo de quando o bebê ia nascer pela posição que se encontrava.

É comum perder um sentido e aguçar o outro. A cegueira de Maria Ondina nunca atrapalhou o seu trabalho, ela conseguia perceber quando algo não estava bem e pedia a família que levasse a mulher para o hospital para ser atendida pelo Dr. José Jorge, médico obstetra muito conhecido e querido na cidade. A experiência e a intuição davam a ela a clareza do que era preciso ser feito. Vale ressaltar, que mesmo cega, ela participou de um curso que foi realizado nos anos 60, no Posto de Saúde de União da Vitória. Ali ela recebeu um kit, (uma bolsa) com vários materiais a

serem usados no momento do parto. Quando parou de trabalhar devolveu esse material no Posto de Saúde.

Querendo saber mais sobre Maria Ondina perguntei a Dinorá se a família tinha alguma foto, documento, algum caderno de anotações com algum registro do trabalho dela. Com olhar de tristeza Dinorá relatou: “___ A gente tinha uma caixa com fotos dela com os bebês, que os pais tiravam com a máquina e davam para ela...mas com a enchente de 1983 perdemos tudo

Solicitei a entrevistada que falasse um pouco da mulher e da avó Maria Ondina.

___ Era uma pessoa alegre, sempre brincalhona e feliz embora tenha tido muitas dificuldades na vida. Pessoa de muita fé em Deus. Gostava de todas as tarefas de casa e ensinou para as mulheres da família, como se faz um pão gostoso, a roupa bem lavada e a casa bem limpinha. Era muito querida mas, também muito exigente conosco. Escolhíamos arroz e feijão que naquela época vinham com pedregulhos no meio e depois ia conferir com seus dedinhos se não havia ficado alguma pedrinha, Além disso ensinou a todos o amor a Deus e ao trabalho. Me ensinou a benzer e a fazer partos mas eu nunca quis. Talvez pela cegueira, conhecia cada pessoa que chegava em casa, pelo barulho do caminhar, do pisar nas pedras, Ela deixou muitos bons ensinamentos a todos nós e na cidade tornou-se muito querida e respeitada. Esta casa está no mesmo lugar onde tinha a casinha dela. Saudades. (SANTOS, 2018).

As palavras emocionadas de Dinorá, ao referir-se a casa da avó mostram que rememorar o passado e as imagens de um lugar, de um espaço definido passam a ser expressão de identidade para as

pessoas e os objetos tornam-se dotados de significados. Essa significação ensina que a memória do indivíduo para falar de uma pessoa próxima depende do seu relacionamento familiar. E para mim ficou evidente essa ligação de Dinorá com sua avó Maria Ondina.

LYDIA BRAGA RUGGERI (26/10/1901)

João Darcy Ruggeri

Lydia Braga Ruggeri, minha progenitora, nasceu no ano de 1901, em Santo Antônio da Patrulha - Rio Grande do Sul no dia 26 de Outubro. Era casada com Antonio Ruggeri, e residiu em Porto União no período de 1956 -1965. Dessa união nasceram, tiveram dois filhos Joao Darcy Ruggeri e Dercy Ruggeri (falecida). Foi costureira, diplomada pela então escola de costura SINGER, num grupo de senhoras lá nos idos de 1935/1937 na cidade de Porto Alegre – RS. Embora não trabalhasse fora o curso foi de extrema utilidade para suas tarefas junto à família.

Lydia foi mãe extremosa, sempre presente na educação dos filhos, dedicou-se a família, e as lidas do lar com muito carinho. Faleceu em Curitiba, aos 90 anos de idade, deixando boas lembranças a todos os amigos e familiares.

BIOGRAFIA DE LUÍZA MARIA WALDRAFF (1900-1975)

Célio Horst Waldraff*

“Há uma cor que não vem nos dicionários. É essa indefinível cor que têm todos os retratos, os figurinos da última estação: a cor do tempo.” (Mário Quintana, Sapato Florido)

Circula pela internet a seguinte estorieta:

“Imagina por um momento que você teria nascido em 1900.

Quando você tem 14 anos começa a Primeira Guerra Mundial e termina quando você tem 18 com um saldo de 22 milhões de mortos.

Logo depois aparece uma pandemia mundial, a gripe espanhola, matando 50 milhões de pessoas. E você está vivo e com 20 anos.

Quando você tem 29 anos sobrevive à crise econômica mundial que começou com o desmoronamento da Bolsa de Nova York, causando inflação, desemprego e fome.

Quando você tem 33 anos, os Nazis chegam ao poder.

Quando você tem 39 anos começa a Segunda Guerra Mundial e termina quando você tem 45 anos com um saldo de 60 milhões de mortos. No Holocausto morrem 6 milhões de judeus.

Quando você tem 52 anos começa a guerra da Coreia.

Quando você tem 64 anos começa a guerra do Vietnã e termina quando tem 75 anos.”

Eu queria contar de alguém que passou por aquilo tudo.

Foi minha avó **LUÍZA MARIA WALDRAFF**, nascida *Louise Marie Krietsch*,

natural do **Kreis** (distrito) de Magdeburg na Alemanha, justamente, em 14 de dezembro de 1900.

(*) Membro da ALVI, na cadeira apadrinhada por Cícero Marcondes de França. Pós-Doutor em Direito pela Universidade de Florença, professor da UFPR e Desembargador no Tribunal do Trabalho do Paraná.

Na adolescência viveu a Primeira Grande Guerra. A família passou fome e necessidades. Eram muitos filhos e ela era das mais jovens. Os calçados vinham dos mais velhos, o que deformou seus pés, lembrando a cada passo o sofrimento da juventude. Veio para o Brasil na década de 1920 e aportou em Rio Grande–RS, onde foi enfermeira. Em seguida foi para Blumenau–SC, ali trabalhou no comércio e conheceu seu esposo, Albert Waldraff.

O marido fora alvejado no pulmão na Primeira Guerra, lutando pelo lado alemão. Por isso, no final da década de 1920, vieram aqui morar devido às nossas temperaturas mais amenas.

Aqui nasceram os dois filhos, Horst e Ralf.

Assistiram à passagem das tropas de Getúlio Vargas na Revolução de 1930, acompanhando o entusiasmo de toda a população local. Os gaúchos seguiam sem resistência, de trem em direção ao norte.

Para que se tenha uma ideia, mais acima, a recepção em Ponta Grossa foi tão calorosa, que Getúlio proclamou a cidade “Capital Cívica do Paraná”.

Dizia-se que os paulistas aguardavam os gaúchos em Itararé, próximo à fronteira com o Paraná, para a batalha decisiva – que nunca ocorreu. O termo notabilizou-se na história das patuscadas nacionais: “a Batalha de Itararé, que nunca aconteceu...” O humorista da época, Aparício Torelly, o Aporelly, adotou o título de Barão de Itararé.

Aqui nas cidades, a lua de mel com os revolucionários durou pouco. De meus avós, saltaram o seu pequeno rebanho bovino para gauchescos churrascos. Quando minha avó foi energicamente reclamar ao Comando Revolucionário e

prontamente recebeu um pomposo ofício de “Requisição” dos bovinos para a causa revolucionária. Nunca foi indenizada.

Segue o século XX e veio a Segunda Grande Guerra. As perseguições e o sentimento anti-germânico aguilhoaram mais fundo. Na verdade, ser alemão *per se* passou a crime.

Mas, por compromisso com a verdade, não é menos certo que as notícias que vinham da antiga *Heimat* seduziam e entusiasmavam. Os alemães que saíram de uma terra natal derrotada, falida e humilhada, agora ouviam notícias da reconstrução ativa, orgulhosa e cheia de portento. Era, convenhamos, impossível, não se deixar seduzir. Não poucos eram, mesmo, filo-nazistas, organizando reuniões e conciliábulos.

Em seus pirotécnicos discursos, o ex-cabo austríaco prometia aos homens alemães um emprego e um carro popular, o *Volkswagen* (inspirado no sonho americano). Já às mulheres alemãs uma promessa irresistível: *ein deutscher Ehemann!* Um marido alemão! O déficit da população masculina com a guerra deixou multidões de solteiras...

A própria história brasileira reconhece que segmentos amplamente majoritários do Governo brasileiro do Estado Novo e da elite econômica eram pró germânicos, liderados pelo ministro do exército, Eurico Gaspar Dutra (futuro Presidente da República).

Eram tempos de fascismos. Na Itália, Mussolini, o *Duce*, na Espanha, Franco, o *Caudillo dela Patria*, em Portugal, Salazar, no “Estado Novo” (na versão lusa) e aqui no Brasil, Plínio Salgado e seus “galinhas verdes”, com braçadeiras ornadas com o Sigma saudadas por entusiasmados *Anauês!*

Ficamos do lado Aliado por um triz, mercê da firmeza de Osvaldo Aranha e do talento sagaz de Getúlio que extraiu concessões preciosas dos americanos como a Usina Siderúrgica Nacional de Volta Redonda.

Além disso, é certo que os Estados Unidos jamais aceitariam um enclave geopoliticamente tão importante como o Brasil, aliado ao Eixo. A proximidade da costa nordestina, côncava com toda a costa do leste da África tornam-na um dos pontos estratégicos mais importantes do mundo. Os americanos possivelmente derrubariam um Estado Novo pró nazista. Muito diferente dos irrelevantes minuetos da Argentina e do Chile, que efetivamente se aliaram à Alemanha da época...

Ainda assim, há uma versão de que o Brasil somente entrou na guerra em razão dos terribilíssimos afundamentos de navios operados pelo submarino *U-570* comandado pelo infame capitão nazista Harro Schacht.

Esse tresloucado imbecil, descumpriu ordens expressas do Comando Naval alemão. Deveria apenas patrulhar as águas brasileiras, mas agiu como um uma espécie de *Hell Angel* alucinado, pilotando um submarino desgovernado. Talvez por puro enfado e irresponsabilidade assassina, afundou diversos navios brasileiros e matou centenas de patrícios, alguns dos quais metralhados, indefesos após os afundamentos.

Assim, inopinadamente lançou o país nos braços da guerra e mudou a nossa História.

Só assim, a “cobra fumou” ... – é que na época dizia-se que era mais fácil uma “cobra fumar” que o Brasil entrar na guerra. Sarcasticamente, a Força Expedicionária Brasileira adotou como símbolo uma cobra tabagista.

Como todos os “súditos do **Reich**”, pretendiam prender o nosso **Opa** Albert, que se refugiou no mato, denunciado que fora por vizinhos linguarudos, alguns dos quais, amigos muito próximos. A alemoada teria se reunido em sua casa para ouvir discursos do **Führer**, em radiodifusão da **Deutsche Welle**.

O velho ficou refugiado até 1946, um ano após o final do conflito, por via das dúvidas...

Luiza chorou lágrimas grossas ao lembrar haver introduzido os patrióticos delatores nas tradições de festas germânicas então inexistentes no Brasil. O Natal, com a **Weihnachtsbaum** (árvore de Natal) e o **Weihnachtsmann** (o Papai Noel) e a Páscoa, do **Osternhase** (coelhinho da Páscoa). A caça aos ovos de chocolate no amplo quintal envolveu todas as crianças das vizinhanças e passaram a ser lembradas com amargo ressentimento.

Certa feita, Luíza e os dois filhos foram à Delegacia de Polícia para solicitar uma autorização de viagem a Curitiba, a fim de comprar remédios para o pai clandestino. O escrivão de polícia, após conceder o documento (e receber a competente propina) indaga com voz debochada, “**Alemao quinta coluna, tem arma em casa?**”.

Minha avó, de personalidade forte e farta de tantos achaques, sabedora de que seu português gramatical era infinitamente melhor que o do chulo interlocutor, retarguiu, “**Ja, ja, alemón tem arma em casa. Espengardinha de rolha dos crianças!**”

Claro que quase foi presa por desacato e meu pai lembra que ficaram o dia inteiro sentados nos bancos da Delegacia, tomando um “chá de banco e de bom senso”.

Mas o desaforo não foi para casa...

O primogênito, Horst, que por um desses azares fatídicos, entra na escola no ano de 1942, quando o Brasil declara guerra ao Eixo, sofreu diuturnamente a sanha patriótica dos coleguinhos de sala, dispostos a resolver no soco a Segunda Guerra Mundial. O pequeno teuto-brasileiro foi agredido todos os dias ao final da aula, até que aprendeu a brigar, em seguida a revidar, mais a diante a vencer as contendidas de pugilato.

Certo dia, ao chegar em casa, o menino choramingava e Luíza estranha a postura do filho, normalmente animado ao chegar do Colégio, escapando dos colegas façanhudos.

Não era assim naquele dia sombrio.

Indagado, o menino respondeu em alemão, o idioma de casa, “**die machen mich bei dem Schwarz sitzen**” (eles me fazem sentar do lado do preto).

É que as carteiras do Colégio Balduído Cardoso, onde o menino estudava, eram duplas e a suprema desonra era sentar nessa carteira maculada, ao lado do coleguinha negro.

Vejam: vamos deixar bem claro para não permitir tergiversações. Não se tratava de qualquer exercício integracionista para ensinar o alemão a igualdade racial. Os primeiros a segregar o negro eram, justamente, os próprios conterrâneos, que expulsavam o coleguinha para a última e isolada carteira, que só seria utilizada por um acompanhante a ser achacado.

Inominável ignomínia que marca o nosso negro desde sempre. Cedo ou tarde nos reconciliamos com os inimigos: paraguaios, argentinos, alemães,

comunistas, petistas, etc. Mas o negro continua esperando na carteira do fundo para reestigmatizar o adversário da hora com seu o imperdoável estigma.

Quando aboliremos a Escravidão Moral que persiste em plena vigência nesse país de racismo estrutural?

Segue o século XX e depois da Guerra, talvez como rescaldo de toda a perseguição sofrida, o casal acabou se separando e Luíza teve de concluir a criação e o sustento dos filhos praticamente sozinha.

Restou-lhe o cultivo de frutas e legumes no quintal da casa, com os quais alimentava e sustentava os filhos em fase de crescimento.

Desse cultivo, nós seus netos, guardamos no canto mais quente do coração a lembrança do quintal bordado de vermelho dos moranguinhos amadurecidos. O terreno teria, se tanto, meio hectare de área, mas na lembrança de nós crianças temos certeza de sua extensão infinita. Víamos até o sol se ponto no campo bordado de vermelho, com promessas de guloseimas cheirosas e deliciosas.

Cedíssimo os dois meninos tiveram de trabalhar e a mãe ensinou-lhes o valor da labuta digna, honesta e competente. Foram criados dois filhos bem-sucedidos que se tornaram empresários muito conhecidos na cidade, inspirados na weberiana ética do capitalismo luterano.

Seu primogênito, Horst Adelberto Waldraff, é o líder do grupo Comercial Bandeirante e é muito ligado ao Agronegócio local.

Seu segundo filho, Ralf Siegfried Waldraff, já falecido, era o proprietário da Relojoaria Pingo de Ouro, figurando como uma importante referência de competência e qualidade no ramo dos relógios e da ourivesaria de nossas cidades.

Já com os filhos adultos e muito bem de vida, Luíza persistia a vender suas verduras, com duas pesadas e fornidas cestas, perambulando pela cidade. Entrou certa feita na Bandeirante para oferecer o produto aos funcionários e em seguida depositou sua cesta para conversar com o filho Horst. Sorrateiramente, o filho escondeu a cesta, só para mangar da mãe. A velha ficou uma fera e saiu bufando, **“Wo hat man das gesehen, Bursche!”** — “Onde já se viu, menino!”. O gesto do filho poderia significar que ele se envergonhava do trabalho da mãe...

Como dito, ela patrocinava uma ética de trabalho e progresso germânico que passou aos filhos: **“vorwärts immer”** — “sempre adiante”. Se vender a bicicleta, comprar uma melhor, nunca descuidar da pintura da casa e tratar das flores do jardim; se trocar de carro, seja para um modelo mais recente. Sempre para frente e para cima! Além disso, se a vida é dura e triste, pode até reclamar, mas antes ajude a lavar a louça e arrumar a cama...

Conseguia ser festeira e nunca esquecia o aniversário de filhos, noras e, especialmente netos, que comemorava levando-nos para comprar presentes na proverbial loja Gabriel Nemes, na esquina angular da Getúlio Vargas com a Manoel Ribas, em União da Vitória. O seu estoque fazia brilhar o rosto das crianças por sua oferta austera, muito mais que os excessos consumistas dos **Shopping Centers** contemporâneos. Eram tempos em que o senso de medida estava melhor afinado e modulado.

Também teve lá seus momentos de descanso e lazer. A família foi das precursoras a veranear em Balneário Camboriu, na época uma praia isolada e paradisíaca, com águas cristalinas e impolutas. Era possível sair de Porto União da Vitória e seguir quase até lá de trem!

Somente o imperialismo da indústria automobilística que sucateou impiedosamente nossas ferrovias, acabou com o mais civilizado meio de transporte que grassava entre nós até a primeira metade do século XX.

Já no final da vida, tentou converter-se em **cover** de professora de alemão, ensinando os netos a **Muttersprache**. Ensinou-nos algumas palavras e regras gramaticais, sem qualquer recurso didático, que não caderno e lápis. Nada comparável às mídias, aplicativos e estripulias dos dias de hoje.

Empresta seu nome à **Escola-Berçário Luiza Maria Waldraff**, situada em Porto União e cuja manutenção é auxiliada pelo Lions Club e pela Família Waldraff.

Faleceu em 08 de fevereiro de 1975, com 75 anos de idade, deixando dois filhos e duas noras, cinco netos e, atualmente, cinco bisnetos, cuja grande maioria vive em União da Vitória e Porto União.

Assim se passaram três quarteis desse século.

É preciso falar alto que, no balanço e contabilidade de perdas e ganhos o saldo evidentemente foi amplamente positivo. Se houve incompreensões e conflitos desse tempo turbulento, gerando dificuldades e sofrimento, também forjaram no coração de Luíza um amor muito forte pela vida e pelo ser humano.

Esse amor se concretizou no seu afeto incontido pelas Cidades Irmãs que hospitaleiramente a receberam. Não menos intenso forjou-se o seu amor de filha pela sua Pátria de adoção, o Brasil, que a recebeu, generoso, como generoso foi para todos os que aqui vieram, em momentos terríveis em suas terras de origens. Asbondades da nossa Mãe Gentil sorriram para ela e tantos outros, quantos aqui vieram em busca de abrigo e proteção.

Quanto aos jovens, a resenha desse lado duro e sofrido do século XX não quer desmerecer as dificuldades que as novas gerações tem de passar.

Não há réguas para medir o sofrimento de ninguém.

Os novos desafios que os atuais gerações tem de atravessar são imensose tão novos que superam a capacidade de compreensão de nós mais velhos. Toda a nossa experiência, aconselha sermos muito pacientes, compreensivos e solidários, antes de preferirmos julgamentos moralistas e abusivamente críticos.

Da avó Luiza, sua longa caminhada reflete a força e dignidade das Mulheres de nossa terra, que, com seu trabalho e amor são as principais responsáveis pelo que há de **MELHOR** em nossas Cidades.

*Certa feita, eu ainda uma criança, lembro que quando voltávamos de uma viagem da praia, chegando em Porto União da Vitória, ouvia-a murmurar para si mesma, **Ach, aber dieser liebe Porto!!!***

A frase ficou gravada em minha mente. Só soube traduzi-la anos depois, quando aperfeiçoei meus estudos em alemão que com ela comecei.

“Ah, mas esse Porto querido...”

Pensando bem, também lembro que as luzes do pôr-do-sol das Cidades Irmãs refletiam no espelho de prata do Iguaçu.

A tarde do Vale desmaiava, em tons de rosa e salmão. A Vó Luíza estava em casa...

ISABEL CARVALHO MARTINS (17/09/1927 – 16/07/1998)

Therezinha Wolff

Isabel Carvalho Martins mais conhecida como Bebel, nasceu no Rio de Janeiro em 17/09/1927 e faleceu em União da Vitória em 16/07/1998.

Ainda na juventude, aos 16 anos, inscreveu-se no Curso de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira, curso destinado apenas às voluntárias da Segunda Guerra Mundial. Concluiu o curso antes de atingir sua maioridade. Por isso não pode partir com a Força Expedicionária para a viagem rumo à Itália. Sua frustração foi amenizada no trabalho como enfermeira voluntária no Hospital do Exército, local para onde eram tratados os ex-combatentes que retornavam das praças de combate.

Ali conheceu Ângelo Ferreira Martins, Sargento da FAB, a quem dedicou seus préstimos na enfermagem e seu amor. Casados, em julho de 1947 transferiram-se para União da Vitória, onde pouco tempo depois ele adoeceu e Bebel pediu a Deus por sua cura e prometeu cuidar de pessoas necessitadas sempre num trabalho voluntário.

Em outubro de 1951 Isabel foi admitida como enfermeira pela Secretaria da Saúde Pública do Paraná, atuando por curto espaço de tempo, pois o trabalho como voluntária era a sua realização. Sua atuação no trabalho realizado na comunidade foi reconhecida pela Câmara Municipal de União da Vitória e, em 27 de março de 1992, outorgou-lhe o título de Cidadã Honorária. Era merecidamente a gratidão demonstrada à mulher que diuturnamente atendia pessoas nas suas necessidades físicas e emocionais.

Por mais de 50 anos Bebel fez um trabalho especialmente àquelas pessoas acometidas pelo câncer. Reconhecida pela comunidade como pessoa sempre pronta a prestar alívio com curativos, remédios, apoio psíquico e solidariedade nas diferentes ocasiões, à estima recebida é comprovada pelos mais de 80 afiliados que recebeu.

Em sua homenagem a Rede Feminina de Combate ao Câncer, formada por muitas mulheres que dão continuidade no trabalho realizado por Isabel Martins, que tem sua sede em União da Vitória com a denominação de “Casa Bebel”.

Iracema Lazier (02/06/1930)

Por Maris Stela da Luz Stelmachuk¹

Nasceu em 02 de junho de 1930, na cidade de Paula Freitas, ao sul do Estado do Paraná. Filha de Júlia Rosa Lazier e José Pedro Lazier. Aposentou-se na Previdência Social, onde atuava como auditora da Receita Federal. Depois do falecimento de sua mãe passou a viver só, em condomínio familiar, onde recebia, nos fins de tarde, os familiares para roda de chimarrão. Em sua vida acadêmica, além do ensino básico, cursou a Escola Técnica de Comércio David Carneiro. Mais tarde participou do vestibular para a formação da primeira turma do curso de História, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória. Por ocasião da fundação de outra instituição de ensino superior, a Faculdade de Ciências Econômicas de União da Vitória, participou também do primeiro vestibular, tendo sido aprovada em Administração de Empresas, que começou a frequentar, mas não concluiu.

A abertura de escolas de ensino superior em cidades do interior foi de grande importância na visão de Iracema, tanto para si mesma como para pessoas de camadas sócio econômicas mais baixas. Em suas palavras: *Particularmente, me permitiu estudar, todas essas mudanças me permitiram estudar, inclusive o Estado começou a ter escolas no interior, faculdades. O pobre pode estudar, pois o Estado colocou curso superior no interior.*

Quanto à inserção das mulheres no mercado formal de trabalho Iracema também reconhece repercussões na dimensão pessoal, familiar, econômica e social, sendo que para ela significou autonomia econômica e libertação do casamento, que, para muitas mulheres seria a única ou principal encaminhamento. Ela viu na profissionalização feminina uma saída para situações de opressão, por submissão ao provedor, sem o qual não haveria meio de sobrevivência. No plano econômico e social significou um grande avanço não só para as próprias mulheres, mas para toda a sociedade, considerando que antes disso, em

¹Acadêmica ocupante da cadeira 16 da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI). As informações para a redação deste texto foram fornecidas pela própria Iracema, em entrevista que realizei para minha pesquisa de doutoramento (Mulheres do século XX – memórias e significados de sua inserção no mercado formal de trabalho, disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/99408>

seu entender, pelo fato de não realizarem atividade remunerada, ainda que trabalhassem em casa e na lavoura, muitas mulheres, significavam um peso para a sociedade. À inserção das mulheres no mercado formal de trabalho ela atribui sentido de libertação e possibilidade de escolha pessoal, bem como de contribuição econômica à sociedade, propiciada pela industrialização que tornou imprescindível a presença de todos na consecução de seus objetivos.

Sua vida social constava de jantares com grupos de amigas que se encontravam semanalmente por mais de trinta anos, ora em suas próprias casas, ora em restaurantes ou confeitarias. Frequentou academia de hidroginástica semanalmente e entre suas ocupações diárias, por muitos anos esteve a leitura do jornal Folha de São Paulo, informativo do qual foi assinante e que acompanhou desde os tempos anteriores à ditadura militar, período em que familiares seus e ela mesma foram perseguidos e presos por sua posição política declaradamente de esquerda.

Seu *hobby* foi o cinema por um tempo, mas, logo depois que completou sessenta anos de idade, passou a fazer aulas de pintura em telas, com as quais presenteava amigos e familiares. Também as doava para instituições sociais com intuito de serem rifadas para angariar dinheiro para sua manutenção.

Iracema faleceu em 28 de agosto de 2018. Sua passagem entre nós foi de significativa participação na vida da cidade de União da Vitória e região sul do Paraná pelo serviço no antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), atual INSS, em uma época em que a vida laboral remunerada era prioritariamente ocupada por homens. Grande conhecedora dos meandros da previdência social, Iracema era referência, sendo frequentemente consultada pelos colegas de trabalho quando surgiam dificuldades e desafios na realização das tarefas previdenciárias, viabilizando, com seu conhecimento e grande experiência, os trâmites relativos aos direitos da população.

Eneida Fagundes,

Por Maris Stela da Luz Stelmachuk²

A doce senhora e eterna professora e Matemática Eneida Fagundes nasceu em Porto União, Santa Catarina em 01 de junho de 1934, mas foi registrada em 15 de dezembro do mesmo ano. De origem italiana, filha de João Maria Fagundes e Elvira Bettega Fagundes, formou-se em Matemática e Pedagogia, com Especialização em Matemática Superior pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Eneida se diferenciava pela forma carinhosa de falar, de se referir às pessoas e ao trabalho ao qual se dedicou por tanto tempo. Mesmo quando se referiu à sua família de origem e à contrariedade de sua mãe quanto às suas escolhas, o tom é de carinho e compreensão.

Eneida casou-se aos 16 anos com Pedro Firmo da Silva e teve quatro filhos: Rita de Cássia, nascida em 1954 e falecida em 1998; Fernando José, nascido em 1958 e falecido em 2018; Pedro Luiz, nascido em 1953 e João Augusto, nascido em 1961. Seu primeiro trabalho foi no cartório do irmão, como serventuária da justiça, inicialmente como escrevente juramentada e, posteriormente, como oficial maior.

As informações para esta sucinta biografia me foram dadas por ela mesma por ocasião de entrevista sobre sua carreira profissional que fiz como parte de minha pesquisa para dissertação de Mestrado (Sentidos do trabalho para idosos em exercício profissional remunerado, pela Universidade Federal de Santa Catarina). Durante esta entrevista ela falou o tempo todo com muita satisfação e desenvoltura. Tanto foi seu envolvimento com Matemática que os cálculos e contas fizeram parte de seu cotidiano, sendo que, por várias vezes durante a entrevista pôs-se a dar explicações de operações matemáticas e de como elas são simples quando bem entendidas e acessíveis aos alunos

² Acadêmica ocupante da cadeira 16 da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI).

quando bem explicadas. Enquanto explicava ia escrevendo em folhas de papel e me mostrou como faz para ensinar desde alunos das faculdades de Biologia e Matemática, para as quais lecionava, até professores do Ensino Fundamental e do Programa Alfabetização Solidária do qual participou com envolvimento e satisfação, passando por candidatos a concursos públicos que a procuram para aulas particulares.

Além de preparar candidatos para as provas em concursos públicos, algumas vezes era solicitada e aconselhar seus discípulos. Ela contou que, certa vez, um de seus alunos foi aprovado para dois concursos públicos na mesma época e, em dúvida, perguntou a ela pelo qual optar: - *Professora, eu passei na Petrobrás e no Banco do Brasil. Onde a senhora acha que eu devo ir?* Ao que ela respondeu: - *Olha meu filho, se você não tivesse mãe, eu te orientava, mas você tem mãe e pai e eu acho que você deve pedir um conselho pra eles e não pra mim, né.*

Eneida sempre gostou de estudar e de trabalhar, o que, para ela, foi conquista e desafio. Sua mãe achava que mulheres não deviam trabalhar fora e nem mesmo estudar e sim prepararem-se para o casamento. Pensando assim, impediu que a filha saísse de casa e a proibiu de continuar estudando. Em vista disso, somente depois de casada ela voltou a estudar e, já grávida do primeiro filho, quando deu início à sua vida profissional.

A observação e o gosto, talvez necessidade, de esclarecer e explicar, dar sentido lógico às coisas esteve amalgamada em sua personalidade, sempre presente em sua forma de agir e interagir. Ela prestava atenção aos favorecimentos da mãe à irmã menor na divisão dos alimentos entre os irmãos e, tão logo encontrou argumentos para corrigir isso, os colocou em prática, explicando à mãe que ela estava agindo errado. Essa atuação permanece de maneira formal em sua prática profissional, mas também para além dela, pois em situações do cotidiano, com as pessoas de seu relacionamento, com colegas de trabalho e até mesmo durante a entrevista Eneida não perde oportunidade de explicar, de esclarecer de dar sentido às operações que muitos fazem, mas nem sempre entendem.

Com o prazer que teve em exercer sua profissão não pareceria estranho se Eneida se ocupasse somente dela, porém semanalmente deixava os cálculos e os materiais didáticos e se dedicava à pintura de telas e também ao

bordado em ponto de cruz. Ela gostava de suas pinturas e disse que essa atividade era sua distração e que nunca vendeu nada do que pintou. Mas além da pintura e do bordado, nas férias ela fazia conservas, sucos e doces com frutas da época. Os produtos desta atividade ela dedicava aos filhos, netos, noras e amigos. Com estas guloseimas recebia e presenteava as pessoas da família e do seu convívio mais próximo.

Já aposentada por ocasião da referida entrevista, ouvi-la falar de seu trabalho foi o mesmo que ouvir alguém que ainda estava em início de carreira. Seu gosto e dedicação ao trabalho e a forma como acreditou e amou seu trabalho imprimiam tal entusiasmo à sua fala que mais parecia uma colegial recém-formada em busca de alunos, muitos alunos para a saciar seu gosto de ensinar. Completamente convicta de sua escolha em ser professora, Eneida não se abateu com a ausência absoluta de incentivo por parte da mãe, que não aprovou sua escolha por escolarizar-se e formar-se professora, que este fato não parece ter marcado negativamente sua trajetória profissional.

Por inúmeras vezes homenageada com nome de turma, patronesse e paraninfa, seu nome será sempre lembrado pelos graduados a quem ensinou com competência acadêmica e afetividade.

Eneida Fagundes faleceu em 05 de abril de 2008, deixando inúmeras contribuições à vida acadêmica das cidades de Porto União, União da Vitória e região, além de exemplo de convicção naquilo que praticou, dedicação e boas referências a quantos a conheceram e se encantaram com sua maneira afável de ser. Seu nome eterniza-se também por ter sido colocado em um Centro de Educação Infantil, o CEMEI Eneida Fagundes da Silva, situado à rua Cordovan Frederico de Melo, nº 84, no Conjunto Panorama, em São Cristóvão, como reconhecimento pelos seus relevantes feitos.

DJANYRA AMIM PASQUALIN (23/05/1925)

Roberto Domit de Oliveira

Djanyra Amim Pasqualini nasceu em 23 de maio de 1925 em Joinville Santa Catarina faleceu em 19 de março de 2018 em Curitiba Paraná.

Filha de César e Helena, foi casada com o senhor Francisco Pasqualin Sobrinho natural de Porto União Santa Catarina, dessa união nasceram dois filhos Stella casada com Arno Gerd Jark (falecido) e César casado com Maria Aparecida Jacober, teve 4 netas Ângela (falecida) Michele, Priscila e Natalie. E 5 bisnetos Heloísa, Jonathan (falecido), Laura, Pedro, Felipe e Isabela.

Dona Djanira fez o curso primário em sua cidade natal no grupo escolar Mafra, e continuou seus estudos no colégio Santos anjos Porto União (2 anos) e no colégio coração de Jesus de Florianópolis onde em 26/12/1945 foi diplomada professora normalista.

Aos sete anos de idade iniciou seus estudos de piano em Joinville com o professor Frau Keppen, famosa na arte musical dando-lhe continuidade no Colégio Coração de Jesus, ali apresentou recitais de piano e canto. Em 1948 concluiu seus estudos no instituto Raul Messing filial de União da Vitória.

Casou-se no ano de 1946, e passou a residir em Porto União e a desenvolver suas atividades nas gêmeas do Iguaçu. Foi professora do curso primário desde 1947 no grupo escolar Balduíno Cardoso atual colégio estadual Balduíno Cardoso revelando especial vocação para as chamadas crianças difíceis e problemáticas. Aposentou-se na mesma escola após 30 anos de exercício no magistério, onde foi secretária na mesma escola por alguns anos e sua diretora por um ano. Lecionou ainda na escola normal do colégio Santos Anjos e no Ginásio do Colégio São José onde também atuou como secretária. Foi Fundadora do Coral São Jose e do SESI no qual durante muitos anos lecionou.

Suas atividades no magistério desenvolveram outras paralelas de cunho social beneficente e cultural. Organizou e números eventos cívicos em comemoração a marcantes datas municipais estaduais e nacionais colaborando com as autoridades constituídas com escolas e clubes e serviços.

Fundou o coral professora Diane Amin Pasqualin inscrito na Liga Cultural Artístico Alto Uruguai misto para crianças de 7 a 14 anos. O coral chegou a contar com 78 integrantes e participou de números eventos entre os quais festas escolares cívicas e cantatas apresentou-se inclusive em emissora de televisão de Curitiba e Ponta Grossa.

Em 1978 organizou a apresentação em Porto União no 4º encontro de Corais Infantis Da Liga Cultural Artística Do Alto Uruguai com a participação desse seu coral e demais 27 das cidades de Porto União da Vitória e outras do Paraná Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Para tal realização contou com o apoio de toda a comunidade local e de suas maiores autoridades. Foi durante muitos anos secretária da Liga Feminina De Combate Ao Câncer de Porto União da Vitória quando dona Adelaide Barbosa (falecida) era presidente.

Em 1980 assumiu o cargo de Diretora de Secretaria da Junta de Conciliação e Julgamento de União da Vitória atual Vara Do Trabalho exercendo o por durante 16 anos.

Sua colaboração com a comunidade nunca se sou sempre promovendo lanches e jantares com benefícios de asilos e creches e atuando como jurada em festivais de música e de poesia.

Destacamos a seguir algumas das muitas homenagens que recebeu:

1. Diploma de Benemérito conferido pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória “pelos seus relevantes serviços prestados na promoção do concurso em busca de valores na banca e música” em junho de 1966.
2. Certificado conferido pela comissão central dos festejos do Cinquentenário De Emancipação Política E Administração De Porto União por sua colaboração na comissão social música e como são julgadora em setembro de 1967.

3. Certificado de honra ao mérito conferido pelo centro de artes do Clube Iguazu Universidade em 12/10/1969 pela sua eficiente colaboração e participação no 1º concurso de corais de Porto União da Vitória.

4. Placa de homenagem: Nossa homenagem e gratidão à professora Djanyra do Coral e Direção Colégio São José em 1975.

5. Menção honrosa conferida pelo Colégio Estadual Túlio De França em 22 de novembro de 1975 por sua participação no terceiro festival de corais do vale do Iguazu realizado na cidade de União da Vitória.

6. Homenagem especial de despedida de seus 30 anos de magistério prestado pela direção, corpo docente e discente do Colégio Estadual Balduino Cardoso em julho de 1977.

7. Placa de homenagem e uma tela de Amadeu Bona pelo esforço e dedicação em Prol Da Cultura de Nossa Terra 14 de outubro 1978 - Balduino Cardoso.

8. Placa de homenagem em outubro de 1978 conferido pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras, pela causa nobre ideal da Educação.

9. Placa de homenagem conferida pelos poderes Executivo E Legislativo e Judiciário de Porto União quando dá realização do 4º encontro de corais infantis da liga cultural artística alto Uruguai de 15/10/1978.

10. Voto de louvor pelo grande sucesso alcançado na organização do quarto encontro de corais da Liga Cultural Artística Alto Uruguai realizado em Porto União realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 1978.

11. Placa de homenagem em dezembro de 1978, pelo Colégio Estadual Professor Cid Gonzaga pela sua dedicação em prol do canto juvenil.

12. Troféu de honra ao mérito conferido pelo Sesi em 1979 pelo segundo encontro com a música participação Trio Musical.

13. Placa de homenagem recebida da OAB subseção União da Vitória quando do jantar que lhe foi oferecido pela passagem do seus setenta anos.

14. Troféu Hermínio Millis participação nos 80 anos de Porto União em setembro de 1997.

15. Certificado do Projeto Espaço Cultural Besc/RBS TV - 30 de outubro de 1998.

16. Troféu mulher 2002 conferido pelo conselho da mulher executiva de União da Vitória na área da Educação em uma escolha conjunta com várias entidades 8 de março de 2002.

Djanyra foi uma mulher de muitas qualidades e virtudes e merecedora de todas as homenagens recebidas e seu nome ficará para sempre na memória dos cidadãos das Gêmeas do Iguaçu.

DEJANIRA DA SILVA RIBEIRO: CONHECIDA COMO DONA DEJA

(1918-1972)

Leni Trentín Gaspari

Escrever sobre a parteira Dejanira só foi possível pela colaboração inestimável do seu filho, Sr. Luiz Ernani da Silva. Luiz relata que sua mãe era filha de Dulce e Francisco da Silva Pacondes e que nasceu em Poço Grande, Distrito do Município de Palmeiras- Pr. Ano Nascimento: 1918. Era descendente de portugueses, e sua formação escolar foi até o terceiro ano primário. Mãe de cinco filhos, sendo do primeiro casamento: José Garcez Ribeiro, Maria da Conceição Marques, Alice Ribeiro de Cristo, Ivo Ribeiro e do segundo casamento: Luiz Ernani da Silva.

. Dona Dejanira casou-se muito cedo, aos 13 anos, pois sendo descendente de família “ cristãos novos”, com idade tenra já estava encomendada para um jovem de 21 anos de outra família também de “cristãos novos”. Ficou viúva aos 21 anos com dois casais de filhos e foi morar na sede urbana de Palmeiras, onde lavava roupa para fora e enrolava cigarros artesanalmente para uma fabriqueta de fundo de quintal que lá havia, para poder sustentar a prole.

___ Como Palmeiras não apresentava à época uma perspectiva de futuro, Dejanira resolveu ir para Ponta Grossa, centro que estava em desenvolvimento com uma perspectiva de futuro melhor e demandava muito de operários para as fábricas que lá se instalavam, como a Cervejaria Antártica onde minha mãe trabalhou por um bom período. Porém ao tomar essa decisão teve que deixar alguns dos seus filhos, com os seus pais em Poço Grande, levando José Garcês e Alice, onde ficaram por muito tempo com o irmão de mamãe que trabalhava nas “Oficinas” da Rede Ferroviária. Nessa mesma cidade havia a sede da Cooperativa dos Ferroviários, bem como a matriz do hospital 26 de outubro, que pertencia a essa Cooperativa dos Ferroviários, onde foi o seu próximo emprego como faxineira e lavadeira. (SILVA, 2017).

Bom narrador, ele relata que ela trabalhava no hospital com serviços gerais e sendo uma mulher inteligente e prestativa ficou logo conhecida das Irmãs enfermeiras no **Hospital 26 de outubro** em Ponta Grossa. Nesse tempo o mencionado hospital contrata para trabalhar como médico, talvez o primeiro ginecologista do Paraná, o Dr. Burzio, que não conseguia ser compreendido pelas enfermeiras que eram freiras, pelo modo italiano de falar e tratar as pessoas, um tanto rudemente. Dejanira esperta e aplicada foi convidada a aprender a profissão de enfermeira, para auxiliar o referido médico e ela aceitou prontamente.

Segundo Luiz Ernani essa oportunidade mudou a vida de dona Dejanira porque:

___ Foi aí que minha mãe encontrou sua vocação, pois com paciência e também tendo determinação e personalidade forte, retrucava o “italiano” a altura, e acabou sendo respeitada pelo Dr. Burzio que a ensinou a partejar, como fazer um parto utilizando “fórceps”, a reconhecer a necessidade de cesariana e o mais importante: tratamento ginecológico que propiciou a Dejanira a formação de uma excelente profissional que até os laboratórios a visitavam, para que ela como profissional que se tornou, pudesse aplicar os medicamentos que surgiam no mercado medicamentoso. Os médicos da época eram todos de formação em Clínica Geral e quando surgia pacientes com necessidade de tratamento ginecológico enviavam para dona Dejanira porque ela sabia como tratar ferida “na boca do útero” e, eliminar o “febron” (conhecido como câncer inicial no útero) e inflamação nas trompas e ovários. (SILVA, 2017).

Essa nova experiência fez com que a parteira Dejanira tivesse uma realização pessoal como mulher e como profissional, pois o aprendizado que recebeu a tornou uma pessoa mais feliz com a possibilidade de ajudar as mulheres e de receber em seus braços os pequeninos que chegavam ao mundo pelas suas mãos. Ela permaneceu em Ponta Grossa desde 1930 até 1940), sendo transferida para a filial do 26 de outubro em Jaguaraíva, Paraná. Nessa cidade permaneceu por dois anos, onde assumiu todos os trabalhos de parto que ocorria no Hospital e também dava continuidade nos tratamentos ginecológicos que o Dr. Búrzio iniciava.

Com a criação de uma filial do Hospital 26 de outubro em União da Vitória, ela foi convidada a ser parteira nessa unidade, onde conheceu o então ferroviário Alcides Ferreira e Souza, viúvo, com o qual contraiu matrimônio em 1944. Com o casamento dona Dejanira se desligou do **Hospital 26 de outubro**, e começou a atender em casa as clientes que necessitavam de tratamento ginecológico e fazer partos, sendo muito solicitada pelo conhecimento que dominava nessa área

Luiz Ernani, ao lembrar sobre as atitudes de sua mãe relata:

___ Não tinha tempo ruim com ela para atender suas clientes naqueles idos de 1942, quando ela veio para Porto União da Vitória e continuou atendendo até 1968, mais ou menos. A época as mulheres tinham o costume de ter os filhos em casa, e Dejanira era muito solicitada para fazer o parto. Cansei de acompanhar, quando criança a minha mãe em muitos desses partos, muitas vezes de bicicleta, ela na garupa e eu no cano coberto com uma capa de feltro azul, com capuz para me proteger do frio e da umidade de nossa Porto União da Vitória. (SILVA, 2017).

Como tantas outras mulheres parteiras, Dejanira enfrentava as mesmas dificuldades, saía a qualquer hora do dia e da noite, atravessava madrugadas e caminhos obscuros, de bicicleta, a pé, de carroça ou carro; suportava chuvas, ventos, tempestades, quando chamada para atender parturientes. Além do atendimento às mulheres em suas residências nas cidades de Porto União e União da Vitória, ela passou a atender gestantes que vinham do interior dos municípios vizinhos para terem seus bebês em sua residência que era muito grande e tinha cômodos para atender essa demanda.

Residia na rua Zacarias Góes de Vasconcelos, 891.³ Esse atendimento em sua residência lhe possibilitava tratar as parturientes ao mesmo tempo em que olhava sua família

Luiz Ernani, depoente, afirma que “___ por ter uma personalidade forte e ter enfrentado a viuvez muito cedo, dona Dejanira não era de se ‘matar com a unha’ como se dizia naquela época. Depois de uma opinião dada não arredava o pé. No entanto, sua honestidade, a sua dedicação à profissão, o respeito à dor e sofrimento dos outros fizeram dela uma mulher generosa que sempre soube respeitar muito a situação social de suas pacientes atendendo gratuitamente muitas vezes clientes que não tinham dinheiro para pagar os partos e tratamentos ginecológicos. Nas palavras de Luiz Ernani:

___ Chegava a fazer sopas e levar àquelas parturientes mais carentes para não deixar perecer; pedia para as clientes mais avantajadas financeiramente parte do enxoval que não chegariam a usar com seus bebês e levava àquelas crianças que não tinham com que se enrolar. Cueiros, fraldas, toquinhas, peças de menor qualidade que provavelmente não usariam. Minha mãe cansou de se desfazer de lençóis velhos para fazer fraldas para as crianças cujos pais viviam na miséria louca, principalmente aqueles que habitavam a favela da beira do Rio Iguaçú. Tornou-se madrinha de muitos bebês, como era o costume da época. (SILVA, 2017)

³ Atualmente, (2018) no local está o Hotel Turella.

Dona Dejanira deixou seu nome registrado na história dos nascimentos em União da Vitória e Porto União dos anos quarenta ao final dos anos 60. Pela sua dedicação e generosidade recebeu muitas homenagens, mas infelizmente lembranças e fotos foram perdidas na grande enchente de 1983. Mas, seus feitos permanecem ainda no imaginário coletivo dos moradores antigos das cidades Gêmeas do Iguaçu. Dejanira e tantas outras parceiras tendo suas práticas ligadas culturalmente a realidade local, a capacidade de observação e habilidades fizeram delas as médicas da comunidade onde viveram.



Clementina Lona Costa (1914 - 1964)

Leni Trentin Gaspari

Clementina Lona Costa foi uma das inúmeras professoras que se dedicaram ao Magistério na cidade de União da Vitória e marcou com bons exemplos os espaços educacionais por onde passou. Clementina nasceu em Ponta Grossa, no dia 27 de novembro de 1914. Filha de Jose Lona e América Rossignoli Lona. Dedicada aos estudos cursou a Escola Normal em sua cidade de origem e paralelamente cursou na Escola de Comércio, um curso de teor administrativo. Essa Escola oferecia cursos de Contabilidade e era frequentada por homens, mas Clementina mostrou ser uma mulher adiante do seu tempo e fez o Curso sendo a única mulher na sala de aula nesse universo masculino. Relatava isso às filhas com muito orgulho. Muito jovem ainda veio para União da Vitória. De acordo com Melo Junior, (1990 p. 60), seu pai era ferroviário e prestava serviços à Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande.

A jovem muito cedo demonstrou interesse em ser professora e também certamente influenciada pela família, pois o magistério era a profissão vista como melhor ocupação pelas jovens nos anos 30, considerando que a mulher trabalharia com crianças e poderia conciliar suas tarefas no lar e fora dele. Assim, a jovem normalista foi nomeada professora em 1934 e designada para atuar no Grupo Escolar Professor Serapião, em União da Vitória.

Moça bonita, alegre e culta, amava participar de peças de teatro na comunidade e tocar piano regularmente. Seu cotidiano era repleto de atividades saudáveis e alegres próprias de uma jovem nos anos 30, na pacata e linda cidade de Porto União. Com tantos predicados, a jovem não tardou a encontrar o homem que seria

seu companheiro: Salustiano Costa Junior⁴, jovem culto e inteligente com o qual casou-se em 31 de maio de 1939. Dessa união nasceram as filhas Cleís Maria e Cleide Maria.

Ouvindo algumas narrativas de pessoas que a conheceram é possível afirmar que, mesmo com suas tarefas acrescidas pelo papel de esposa e mãe, nunca permitiu que esse acréscimo de atividades atrapalhassem os seus deveres de mestra. Dedicou-se incansavelmente a sua escola e aos seus alunos, em especial aos mais pobres. Tudo na escola era importante para ela, sua dedicação e carinho ia das crianças às colegas, suas companheiras de trabalho, bem como às jovens professoras que chegavam para as quais ela achava um tempinho para conversar e orientar na profissão que iniciavam.

Alegre e participativa, Clementina convivia com as amigas, sempre pronta para comemorar momentos de reuniões festivas ou de trabalho. Na foto abaixo, está com suas colegas professoras numa solenidade em que foram homenageadas pela direção do Grupo Escolar Professor Serapião.



Da direita para esquerda: professoras Zoraide B.de Oliveira, Clementina Lona Costa, Alcina Rocha Loures Gaspari e mais duas professoras não identificadas. No outro lado da mesa Prof. Hulda B. Liegel
Acervo da autora.

⁴ Salustiano exerceu o cargo de Tabelião de Notas em Porto União e mais tarde foi prefeito da mesma cidade.

Alcina Rocha Loures Gaspari, colega de profissão no mesmo educandário, mãe do meu esposo José Leônidas, sempre nos falava da amiga querida com muito carinho, lembrando que ela partiu muito cedo e que fez muita falta para a família, para as amigas e principalmente para as crianças pobres que ela amava e auxiliava sempre. A mestra seguiu sua missão até 18 de julho de 1964; quando completava 30 anos de sua nomeação foi chamada pelo Pai Celestial para cuidar de outras crianças no céu. Nesse mesmo ano foi criado o Grupo Escolar Professora Clementina Lona Costa, que recebeu o nome da querida mestra como forma de prestar-lhe uma homenagem pela dedicação, amor e competência que sempre demonstrou em sua jornada profissional

Algumas palavras sobre sua vida em família e sociedade

Para conhecer um pouco da vida familiar e social da nossa biografada, contei com a colaboração da sua filha Cleís Maria que gentilmente me passou algumas das suas mais caras lembranças. Rememorar é ato de lembrar que envolve emoções guardadas no peito, às vezes difíceis de serem descritas e a função do historiador é ser um “lembrador”, um guardião da memória para que as lembranças não se percam. E assim, colocamos Cleís junto conosco nesta empreitada, para eternizar as memórias referentes à vida da querida Clementina. Suas palavras cheias de carinho e emoção mostram sua mãe como uma mulher alegre e feliz ao lado do marido, das filhas e dos amigos: “Era uma pessoa alegre, cheia de vida. Tinha muitos amigos os quais gostava de receber em sua casa, para almoços e jantares deliciosos, preparados com muito amor por ela mesma”. Além de alegre era uma pessoa muito dedicada e cuidava com esmero da sua casa: “Nossa casa era sempre muito bonita, ela gostava de loucas antigas e tinha uma linda coleção de xícaras.”

As lembranças acompanhadas de saudades vão aflorando à memória da filha Cleís e, em sua narrativa, confirma as ideias que colocamos no início do texto ao nos referirmos a Clementina como uma pessoa gentil, amiga e amorosa: “ Estava sempre pronta quando uma pessoa precisava dela, e com sábias palavras ajudava com sua forma generosa de olhar e falar”. Alegre e feliz por natureza, era pronta companheira para o esposo e filhas, fosse para uma tarde agradável na varanda de sua residência ou para os

mais diversos programas em visitas aos amigos em chácaras ou em passeio de barco no Rio Iguaçu.



Nota: Passeio no Rio Iguaçu- 1948 - Clementina seu esposo Salustiano, suas filhas Cleide e Cleís. Na proa Nair Moura.
Acervo: Francis Costa Benghi



Nota: Família na varanda. **Ano?** Residência Rua Francisco Neumann Porto União
Acervo: Francis Costa Benghi

Seu esposo “Nenê Costa”, como era conhecido na cidade, também era alegre e estavam sempre juntos nos momentos de lazer que tanto gostavam como “festas, bailes e casamentos, onde geralmente eram padrinhos. E nos bailes de carnaval formavam, com seus amigos, blocos com fantasias originais e se divertiam por quatro noites” lembra Cleís e, emocionada, complementa: “A Clementina foi uma mulher feliz e fez a família feliz”. Lindas lembranças...linda história...linda mulher!

Referências:

MELO JUNIOR, Cordovan Frederico de. **União da Vitória: Nossa Escola- Nossa História**. Porto União: UNIPORTO. 1990 (Coleção Vale do Iguaçu, n. 60.)

CLEIS **Depoimento escrito**. União da Vitória, março de 2022.

ASTROGILDA DE MATOS (24 / 06 /1917 – 08 /11 /2013)

Therezinha Wolff

Professora normalista pelo Colégio Santa Anjos iniciou seus trabalhos pela educação no antigo município de Rio Bonito. Posteriormente exerceu o magistério no Grupo Escolar Professor Balduino Cardoso, onde lecionou por mais de 50 anos e ocupou cargos de supervisora e diretora.

Quando já estaria aposentada entrou para a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória licenciando-se em Geografia.

Deixou seu nome para a posteridade no setor educacional, social, artístico e assistencial em Porto União e União da Vitória. Grande desenhista e calígrafa confeccionaram diplomas de honra oferecidos a muitas pessoas de notória importância local e de outros municípios de Santa Catarina e Paraná.

Fundou e coordenou o funcionamento de agremiações sociais e a Biblioteca Coronel Cid Gonzaga no Clube Concórdia. Organizou e fez a apresentação de desfiles e concursos em geral. Seu trabalho por ocasião do Cinquentenário do município de Porto União e do grupo Escolar Prof. Balduino Cardoso, foi de grande relevância tendo na ocasião feito o layout e o bordado da Bandeira do Município.

Pelos trabalhos realizados recebeu a alta condecoração da Medalha Anita Garibaldi instituída e oferecida pelo Governo Catarinense e o Título de Cidadã Honorária conferida pelos municípios de União da Vitória e Porto União. A professora Astrogilda dedicou sua vida inteiramente à Educação e Cultura dessas duas cidades.

Faleceu em Porto União em 08 de novembro de 2013 e está sepultada no Cemitério Municipal Antiocho Pereira desta cidade.

ARACELI RODRIGUES FRIEDRICH (1913 -2016)

*Leni Trentin Gaspari
Marcia Marlene Stentzler*



Araceli Rodrigues Friedrich nasceu na cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, em 25 de julho de 1913, filha de Jacinto e Hilda Rodrigues. Vieram residir em Porto União em 1927, onde ela estudou no Colégio Santos Anjos. Sempre se distinguiu como aluna brilhante e exemplar. Aos 15 anos foi secretária do grêmio literário da Escola Normal Santos Anjos, em Porto União, onde venceu concursos de poesia. Colaborou com o jornal O Vagalume e com a revista Musa Colegial, à época, importantes meios para a divulgação da cultura na cidade.

Araceli amava estudar e escolheu ser professora. Dedicou 28 anos de sua trajetória à arte de ensinar. Matemática, história, ciências naturais, desenho... Não havia área que Araceli não conseguisse dominar e era fluente em espanhol e alemão.

Em 16 de agosto de 1933, já normalista, ela ingressou como professora do Grupo Escolar Balduino Cardoso. Em 1934 lecionava para o 1º ano masculino, conforme consta no relatório feito durante a visita do inspetor Germano Wagenfuhr ao estabelecimento. Registra que:

Assisti nesta classe a todas as aulas do dia 13, e não me vi obrigado da fazer observação alguma, porque as aulas foram ministradas como muito boa metodologia, não faltando nada para seguir fielmente as orientações dadas pelo senhor Diretor. Muito me agradou o ensino da leitura (método analítico-sintético), no qual a senhorita professora demonstra sua competência como educadora. (WAGENFUHR, 1934, p.20).

No ano seguinte, Germano Wagenfuhr voltava a fazer a inspeção no referido estabelecimento de ensino. Nesse relato é possível constatar o grande número de alunos que estudavam no 1º ano masculino, na turma da professora Araceli Rodrigues:

Assisti nesta classe as aulas, no dia 24, período da manhã e verifiquei que dos 59 alunos matriculados, 25 pertenciam à secção A, 14 à secção B e 15 à secção C. Durante a assistência das aulas, notei que a srta. Professora é dotada de grande aptidão para o magistério e por isso os alunos demonstraram, em todas as disciplinas, relativamente ao tempo de aula, ótimo aproveitamento. Nesta classe assisti às seguintes aulas: leitura, aritmética, linguagem escrita, linguagem oral e educação em todas as secções. Nos cadernos havia muito boa ordem e asseio. A disciplina em classe foi muito boa. A metodologia de ensino da srta. Professora é ótima. Recomendação à srta. Professora não tenho a fazer. Impressão geral: ótima. (WAGENFUHR, 1935, p.25).

No ano de 1937, com mudanças na organização interna da escola, a agora sra. Araceli Rodrigues Friedrich lecionava para um 1º ano misto, tendo na sala de aula 16 alunos e 11 alunas. Nos anos de 1938 e 1939 são similares os apontamentos durante a visita do inspetor, sempre reconhecendo a valorosa atuação dela como professora junto aos alunos do 1º ano.

Araceli foi uma professora que também tinha grande apreço pelas artes, como evidenciamos no registro a seguir, extraído do **Livro de Honra ao Mérito** do estabelecimento. O livro foi iniciado em 25 de maio de 1933, com o termo de abertura lavrado pelo então Diretor, Antonio Gasparello. Coube a Araceli decorar a primeira folha, onde os alunos laureados em 1933 deixaram suas assinaturas. A ilustração traz o nome da professora **Araceli** (Rodrigues) escrito na parte inferior do pequeno livro, neste desenho.



FIGURA 1: Honra ao Mérito (1933)

FONTE: **Livro de Honra** (1933-1965) *apud* Stentzler (2015, p.107).

Os registros de exames da Escola Complementar e Escola Normal Primária de Porto União (SC) são indícios da importância desses exames para alunos e sociedade. Segundo a Ata dos Exames Finais do 3º Ano da Escola Normal Primária, realizados pela primeira turma de normalistas primários, em 1935, esse foi efetuado entre “dezoito de novembro a dois de dezembro, na forma prevista pelo Regulamento das Escolas Normais Primárias, presentes os professores Gregório Berkenbrok, diretor, Diva Eugênia de Oliveira, **Araceli Rodrigues** e Jandira Capriglioni, membros da banca examinadora”. (OLIVEIRA, 1928-1938 *apud* STENTZLER, 2015, p.137).

Seu nome ainda consta na participação de bancas para professores provisórios (ou seja, aqueles sem alguma formação específica para o magistério, mas com experiência docente) que desejassem realizar exames vagos para diplomar-se por meio da Escola Complementar anexa ao Grupo Escolar Balduino Cardoso. Embora esses exames não ganhassem as páginas da imprensa, eram uma necessidade para suprir as escolas primárias rurais com professores habilitados. Esse foi, por exemplo, o caso de Ladislau Strabowski, de ascendência polonesa, “professor em Três Barras, município de Canoinhas [que] obteve licença da Diretoria de Instrução para fazer os exames vagos ao 1º. ano das Escolas Complementares” (RILA, 1934, p. 14-14v), em 14 de fevereiro de 1934. Candidatos como ele realizavam em um só momento as provas de todas as disciplinas do ano. Em 18 de março de 1935, o Sr. Ladislau Strabowski prestou exames para o 2º. ano da Escola Normal Primária de Porto União (SC). Em 1936, dias 3 e 4 de março, prestou exames de 15 disciplinas do último ano da referida escola, perante a banca examinadora, composta pelo Diretor, professor Gregório Berkenbrok e pelas professoras normalistas Diva Eugênia de Oliveira; **Araceli Rodrigues** e Jandira Capriglioni. Ele foi aprovado em todas, e foi diplomado pela Escola Normal Primária de Porto União (SC), em 7 de março de 1936. (BERKENBROK, 1935-1938 *apud* STENTZLER, 2015, p.138).

MULHER, MÃE e VEREADORA

Casou-se com Afonso Luiz Friederich, empresário de ourivesaria e teve cinco filhos; um deles faleceu ainda criança. Os quatro filhos são: Elmari, Lélia, Luiz Hélio e Maurício. A mãe, sempre muito exigente e carinhosa, esteve à frente da educação dos filhos. Todos concluíram o ensino superior e se destacam nas profissões que escolheram.

A história da Sra. Araceli está permeada por muitos valores femininos das mulheres dos anos 40 nas Gêmeas do Iguaçu. Casada, com filhos para educar e professora, sempre achou tempo para se dedicar às questões sociais da cidade de Porto União. Uma das causas a que muito se dedicou foi pela construção de uma maternidade na sua cidade de coração. Como fundadora e secretária da Associação Mater Puríssima de Proteção à Maternidade e à Infância, travou batalhas por recursos durante anos. O resultado chegou na forma da maternidade que hoje integra o Hospital de Caridade São Braz.

Consultando o Jornal a Gazeta do Povo de 2016, encontramos um artigo escrito pela redação do referido Jornal que nos fornece inúmeras informações sobre Araceli as quais nos servimos para dar continuidade ao texto. Araceli foi uma jovem católica fervorosa, organizou inúmeros presépios vivos – alguns contavam com 300 figurantes – e peças de teatro com temática bíblica, como José do Egito. Foi catequista e ministrou cursos para noivos. Participou do Movimento Familiar Cristão e foi orientadora da Associação Missionária do Espírito Santo, das ex-alunas dos colégios Santos Anjos, sua antiga Escola Normal em Porto União.

A arte de escrever também lhe era fortuita, adorava criar trovas e foi, inclusive, integrante da União Brasileira de Trovadores. Alguns dos temas explorados por ela eram o amor e a saudade do solo catarinense. Vejamos nas linhas que seguem:

Às vezes tenho saudade
dos dias em Porto União;
ali deixei amizade,
sonho, ventura, ilusão!

Até aqui conhecemos a linda mulher Araceli: esposa, mãe, professora, dedicada a causas sociais e religiosas, mas não foi só isso. Em 1947, Araceli adentra o espaço político de Porto União como a primeira mulher vereadora da cidade e a segunda no

Estado, realizando seu desejo de participar da vida pública e consequentemente exercer seus direitos de cidadania.

Conforme consta no Livro de Atas n.05, no Acervo Documental da Câmara de Vereadores em Porto União, ela encontrou de início algumas dificuldades por exercer essa atividade em um espaço masculino, mas com sua competência foi aos poucos obtendo a confiança de todos. Apresentou vários projetos em benefício da cidade, participou da elaboração do Código de Posturas de Porto União e do Regimento Interno da Câmara. Em 1950 foi eleita Secretária na Câmara. Foi também oradora nessa Instituição, destacando-se pela sua eloquência e elegância no falar.

Sua dedicação pela cidade que tanto amou foi reconhecida com carinho pelos munícipes de Porto União. Em 1988, recebeu o título de Cidadã Honorária. E quando completou um século de vida, em 2013, Araceli também foi agraciada com a medalha do Contestado, um símbolo por todo o carinho que sempre dedicou a Porto União. Como seus filhos moravam em Curitiba, ela quando idosa mudou-se para lá para ficar próxima da sua família.

Encerramos o texto com o discurso proferido por Araceli no dia em que recebeu seu título de Cidadã Honorária, em 16 de agosto de 1988, o qual foi publicado pelo acadêmico Odilon Muncinelli (MUNCINELLI, Odilon, 2016)

Porto União, eu voltei!

Aqui estou de braços abertos para receber e retribuir teu abraço de gratidão. Não tenho palavras capazes de traduzir os meus agradecimentos por tão alta deferência e exprimir minha alegria nesta comovente solenidade.

Esta ventura e a honra deste ato tão festivo, tenho a certeza dever ao espírito altruísta desta simpática Câmara de Vereadores e, em especial, à minha ex-aluna ALDAIR W. MUNCINELLI que, com o predomínio da amizade, exprimi, com palavras tão eloquentes, a validade dos meus merecimentos.

É grato ao coração do mestre ver-se honrado por seus alunos.

Pela leitura do meu “Curriculum” e pelas palavras carinhosas que me dirigiu, fazendo uma análise de minha vida, poderia ver que não foram em vão os 50 anos aqui vividos, tendo como maior escrito: a dedicação, o entusiasmo e a lealdade com que adornava as minhas atitudes. O maior desafio experimentei-o nos meus tempos de professora, aliado a outras responsabilidades de esposa, mãe e cidadã.

O trabalho me absorvia e me empolgava e por noites adentro me prendia ao estudo e à busca de soluções para problemas que se acumulavam para o dia seguinte.

Tudo, graças a Deus, vencido com o auxílio de minha querida mãe que se responsabilizava pelos afazeres do lar e compreendia o meu sacrifício pela honra empenhada na execução de meu mister.

Quando daqui parti, levava comigo o olhar tranquilo e o coração aquietado pela certeza do dever cumprido. Mas não foi só isto, levava, também, a saudade desta terra que amei e a que estou ainda ligada por vários acontecimentos.

Aqui cresci, aqui estudei, aqui trabalhei, aqui me casei. Aqui nasceram meus filhos que somente me trouxeram venturas e hoje tenho a alegria de vê-los aqui presentes.

Da Câmara Municipal, da qual fui a 1ª mulher a participar, quero lembrar o seguinte: Corria o ano de 1947. Após 19 anos de Ditadura de Getúlio Vargas, era o primeiro Mandato Constitucional que se instalava e foi assim considerado: Dr. LAURO MÜLLER SOARES – PREFEITO. Vereadores: JOÃO NITTO GASPARI, ALFREDO METZLER, ALFREDO KROETZ, MIGUEL RODRIGUES, FRANCISCO PAES CARNEIRO, WALTER LEONEL JENSEN, ARTUR CAESAR JR, ALFREDO CHAICOSKI, PEDRO DA SILVA MAGALHÃES e ARACELI RODRIGUES FRIEDRICH.

Deveis imaginar as dificuldades surgidas no momento em que era introduzido o nome de uma mulher para um cargo até então ocupado por homens. E, homens acostumados com as lides da política. Foi, portanto, necessário muito tato e prudência para conseguir firmar o meu lugar. Nosso mandato foi honorífico, nada recebemos pelo nosso trabalho, mas o fizemos com gosto e amor pela terra que nos acolhia. Trago dali boas recordações.

À atual Câmara Municipal, desejo que seu trabalho brilhe como luzes estelares que iluminam os sinceros, os fortes, os fracos e todos os que mourejam no trabalho diário que dignifica e enobrece Porto União.

De meus alunos, muitas turmas desfilaram no alvoroço de uma revoada, levando um pouco de minh'alma diluída no orgulho que até hoje tenho pelo sucesso de sua projeção nos embates da vida.

Srs. Dr. ESPERIDIÃO AMIN, Dr. RENATO MELILLO FILHO, atentei para a honrosa oportunidade de ser homenageada com tão ilustres personalidades. Aproveito o ensejo para cumprimentá-los.

Sr. JOÃO FRANCISCO AIOLFI, Presidente da Câmara, Srs. Vereadores, querida ALDAIR MUNCINELLI, autoridades, meus amigos, meus filhos, genros e noras, meus netos, minha gratidão.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

Arquivo documental da Câmara de Vereadores de Porto União. SC. Livro de Atas,n. 5, 1947-1951.

GAZETA do Povo. Araceli Rodrigues Friedrich: a primeira vereadora de Porto União. Disponível em:gasetadopovo.com.br Curitiba, Pr, (redação : 09/04/2016) Sessão falecimentos. Acesso em 25 de fevereiro de 2022.

WAGENFUHR, G. **Relatório de inspeção do Grupo Escolar Balduino Cardoso**. Porto União, 1934.

Artigos

MUNCINELLI, O. **Lacuna:** morre a primeira vereadora de Porto União. Disponível em:[V. Vale. com.br](http://V.Vale.com.br). 16 de março de 2016. Acesso em 24/02/22)

STENTZLER, M.M. **Entre questões lindeiras e a superação de fronteiras:** a Escola Complementar de Porto União (SC) e de União da Vitória (PR), 1928-1938 / Márcia Marlene Stentzler, Curitiba, 2015. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/38171/R%20-%20T%20-%20MARCIA%20MARLENE%20STENTZLER.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acesso em: 23 fev. 2022.

HILDA ROMANZINI DE MELO (1925- 1987)

Cordovan Frederico de Melo Junior



Hilda Romanzini de Melo, nasceu em 29 de junho de 1925 na cidade de Bento Gonçalves no estado do Rio Grande do Sul . Filha de João Romanzini Filho e Lavínia Reali Romanzini. Casou-se com Cordovan Frederico de Melo e tiveram quatro filhos: Carlos Alberto de Melo, Ana Maria de melo, Cordovan Frederico de Melo Junior e João Alberto de Melo.

Sua escolarização no curso primário (1936) e ginásial (1940) aconteceu no Colégio Santos Anjos e o Curso Colegial no Instituto de Educação de Santos Anjos na cidade de Porto União em 1943. Mais tarde, no ano 1982, optou por fazer o Curso Adicional de Magistério- na Escola Normal Professora Amasília em União da Vitória.

Decidiu-se pela carreira do magistério e foi admitida no quadro próprio da Educação em 1960 e no mesmo ano foi nomeada professora Normalista Padrão I. Assumiu na Escola José de Anchieta na qual exerceu as funções: professora no jardim de Infância, regente de 1ª série, professora em classes de alunos com necessidades especiais no atendimento escolar, professora de religião, Coordenadora da Cooperativa Escolar, Bibliotecária.

Vale dizer que essa mestra não se contentava apenas com os cursos básicos realizados na sua escolarização, mas esteve sempre pronta para participar de cursos que viessem colaborar com seu aperfeiçoamento no seu dia a dia de professora : curso de Organização e metodologia do Ensino da 1ªsérie, promovido pela Associação de Estudos Pedagógicos; Curso de Administração Geral, promovido pela Universidade do Paraná; Curso em atividades educacionais para 1ª e 2ª séries; Curso de Treinamento de

Recursos Humanos ; Curso Pedagógico Catequético e Curso de Aperfeiçoamento em Língua Portuguesa para professores de 1ª a 4ª séries.

A mestra querida e dinâmica ainda achava tempo para se envolver em outras funções tais como: Voluntária Socorrista, membro atuante da Liga das Senhoras Católicas, Presidente da Associação de Pais e Mestres do Colégio Estadual Tulio de França, Presidente da Associação de pais e mestres da Escola José de Anchieta e membro por várias gestões da referida associação. Foi ainda membro atuante em prol das crianças desamparadas. Aposentou-se ao longo dos seus 25 anos de trabalho na mesma escola, em 25 de janeiro de 1984.

Professora Hilda, competente e dedicada foi desde cedo uma participante ativa no campo educacional junto ao seu marido, Cordovan Frederico de melo, que dedicou toda sua vida para a melhoria e engrandecimento do Ensino em União da Vitória . E com justa razão em sua homenagem foi criada a Escola Hilda Romanzini de Melo em União da Vitória.

Essa mulher de sorriso carismático sempre se interessou pelos problemas sociais de nossas cidades e pelos menos afortunados pela sorte. Foi amiga querida de todos, pobres ou ricos, fortes ou fracos, analfabetos ou doutores, para ela não havia diferença o que valia era o ser, a pessoa em si. Sempre tinha uma palavra de bondade, de religiosidade, de encorajamento, de ternura, de simpatia, de amor, na hora certa para aqueles que precisavam. O seu corpo guardava aquela alma boa, tão conhecida de todos, sua sensibilidade de mulher, filha, esposa, mãe e avó refletida em suas conversações.

Hilda partiu, mas em seu passar por aqui deixou boas recordações e por isso, seu nome sempre será lembrado com muita emoção, carinho e amor por todos aqueles que tiveram oportunidade de conviver com sua querida pessoa. Hilda Romanzini de Melo, uma mulher que partiu sonhando e amando como um ser privilegiado, desejando que o mundo e as pessoas vivessem em paz e harmonia.

RAIMUNDA MENDES PEREIRA - (Tia Raimunda)

Leni Trentin Gaspari⁵Eva Mendes Pereira⁶

Tia Raimunda foi uma das mulheres indicadas para ser homenageada com sua biografia no memorial na Praça das Mulheres em Porto União neste ano 2022. A razão principal dessa indicação foi o seu amor pelos meninos do Instituto Pia Marta em União da Vitória. Tia Raimunda como era chamada pelos meninos da Instituição, foi amiga, irmã, professora e na maioria das vezes mãe dos garotos que estavam nesse Instituto.

Amorosa, compreensiva e sábia conselheira tinha sempre uma palavra de carinho para cada um deles não importando a idade. Sempre procurou despertar em cada um os valores de afeto, generosidade, compromisso e responsabilidade. Além disso, os incentivou a gostar de música e com eles criou um Coral, para cantarem nas missas e eventos no Instituto. Ela sabia que a música desperta nos seres humanos bons sentimentos .

Para que tivéssemos dados completos sobre ela recorreremos a sua irmã Eva e ela gentilmente nos enviou a biografia completa a qual transcrevo aqui respeitando sua autoria.

Riamunda nasceu em 4 de julho de 1942 no município de São Raimundo Nonato (por isso nome Raimunda) no estado do Piauí. Em 1950 partiu com a família composta por seu pai João, sua mãe Jovelina e suas irmãs mais novas Nina, Zeta, e Eva. Mais tarde, já no interior de São Paulo para onde a família se dirigiu ,nasceria seu único irmão Ivo. Seus pais por serem lavradores, foram trabalhar na colheita de algodão no município de Regente Feijó, enquanto eles trabalhavam na roça, tia Raimunda cuidava da casa e dos irmãos menores e aprendeu muito cedo a ter responsabilidades.

⁵ Membro fundador da Academia de letras do Vale do Iguaçu. Ocupa a Cadeira nº19 e tem como patronesse a Prof. Edy Santos da Costa. Professora, pesquisadora e membro do Centro de Letras do Paraná.

⁶ Irmã da Sra. Raimunda Mendes Pereira e autora desta biografia.

Em 1955 a família abandonou o campo e partiu para capital de São Paulo. Seu primeiro trabalho foi como babá já que tinha experiências com seus irmãos menores, a seguir trabalhou como operária em fábrica de tecidos. Trabalhou também de auxiliar de dentista, já que tinha o dom de acalmar as crianças.

Assim que chegou a São Paulo logo se entrosou com os grupos de filhas de Maria, da catequese e do coral na igreja São Miguel Arcanjo em São Miguel Paulista onde a família fixou residência. Em 1968 chegaram a São Paulo os primeiros piarmartinos, Padre Thiago Michelin um ex-prisioneiro de guerra, passou a vida toda ajudando os jovens mais necessitados usando dinheiro que recebia de indenização pelos horrores da guerra. Com essa atitude passou a receber a admiração e colaboração dos moradores entre eles tia Raimunda.

Em 1976 ela passou a trabalhar e morar na casa paroquial na igreja Santa Rosa de Lima onde o padre Tiago era Vigário. O entrosamento dos dois, foi instantâneo ao de em 1974 quando ele esteve em Roma, pediu uma benção para o Papa Paulo VI para ela como reconhecimento pela sua dedicação. Tia Raimunda sempre colaborou com os piarmartinos desde sua chegada, mas agora enfim poderia dedicar-se totalmente as atividades da igreja. Ela havia se identificado totalmente com os ideais da Congregação da Sagrada Família de Nazaré a qual pertencia padre Tiago. Trabalhava na casa paroquial e também na creche Divino Trabalhador, que era administrada pela Congregação.

As duas paixões da tia Raimunda foram a religião e a música. Seu amor pela religião aprendeu com sua mãe durante as novenas e as procissões para pedir chuva ainda no sertão do Piauí. Aprendeu ali a força da fé. Ela gostava muito de cantar e assim que se engajou no coral de São Miguel tratou de aprender tudo o que pudesse com uma orquestra para mais tarde formar o coral dos meninos do instituto. Não cansava de repetir “quem canta reza duas vezes.”

Em 1978 os piarmartinos resolveram deixar São Paulo e partir para União da Vitória no Paraná, onde fundaram mais uma Instituto Piamarta. Por ser uma pessoa discreta, sabendo silenciar sobre tudo que não fosse de interesse público, tia Raimunda foi aceita como voluntária para trabalhar com os mesmos na nova Instituição.

Era ela quem, desde o primeiro menino a chegar ao Instituto, até onde sua saúde permitiu acolhia, dava carinho, consolava, colocava para dormir procurando amenizar seus medos. Alguns eram tão pequenos que ela tinha que colocar um berço em seu quarto para niná-los.

Tia Raimunda tinha uma capacidade incrível de improvisar gostava de representar, cantar, dançar, sapatear e ouvir como forma de distrair as crianças. Era autodidata, mas foi se aperfeiçoando e com apenas o ensino fundamental, causava espanto em todos com sua capacidade de improvisar, de aprender e transmitir para as crianças. Ela os ensinou a fazer bichinhos com gesso, com pedrinhas, com conchinhas, com dobradura de papel, ensinou a pintar em tela, em tecido, em madeira, em vidro e até ovinhos de páscoa. Tudo isso sem deixar de lado o que para ela era mais importante à eucaristia, dizia que “nada a deixava mais feliz do que ensinar o amor de Deus as crianças.”

Ela também aprendeu a cozinhar com os padres Franco e Osvaldo e a falar italiano, afinal era preciso receber bem os colaboradores que vinham da Itália para conhecer a Instituição. Raimunda também esteve diversas vezes na Itália para aprender trabalhos feitos pelos meninos e lá fez grandes amigos.

Fez curso de primeiros socorros, pois com tantas crianças sempre havia alguma emergência à noite, sempre ia de quarto em quarto consolar os mais aflitos, ajudando-os a rezar ou contando uma história até que dormissem.

A convivência com os piarmartinos e admiração cada vez maior pelas suas obras a devoção ao Instituto Piamarta e o conhecimento do movimento circular piarmartino, despertaram nela o desejo de se doar definitivamente a Deus, com o lema “enquanto durar minha vida a Deus quero servir”, no dia 29 de agosto de 1992 se consagrou no instituto secular Jesus Maria e José em União da Vitória prometendo viver casta pobre e obediente. E assim o fez renovando os votos a cada ano até o final de sua vida. Faleceu no dia 15 de outubro de 2013 em Curitiba, onde fazia tratamento contra um câncer de mama.

Seu corpo foi velado na capela do Instituto Piamarta em União da Vitória, com missa de corpo presente realizada pelo bispo Dom Bosco. Posteriormente o corpo

seguiu para São Paulo onde foi novamente velado na igreja Santa Rosa de Lima onde tudo começou.



Seu corpo está enterrado no jazigo da família no Cemitério da Saudade em São Miguel Paulista São Paulo. Uma linda história de uma mulher que dedicou sua vida a prática do amor e da caridade. Deixou muitas e boas lembranças para os meninos, hoje homens, com os quais conviveu e ensinou valores e princípios morais e religiosos.



VIRGÍNIA COBBE FORVILLE⁷ (1898))

Leni Trentin Gaspari⁸



Com emoção, fazemos o registro de mais uma história das mulheres das “Gêmeas do Iguaçu”, como forma de dar-lhes visibilidade e mostrar às novas gerações seus legados para a construção da história local. Preservar essas memórias é dever de todos, mas em especial da Academia de Letras do Vale do Iguaçu, em conjunto com a Secretaria de Cultura de Porto União.

O texto a seguir narra os principais acontecimentos da vida da Sra, Virgínia Cobbe, que nasceu em 24 de novembro de 1898, em Curitiba-PR. Filha de Giuseppe Francisco Antônio Cobbe e Maria Alessandrini, ambos naturais da região que fazia parte do Império Austro-húngaro. Vale ressaltar que após o fim da Primeira Guerra Mundial, 1918, essa região passou a fazer parte da Itália.

Em 27 de julho de 1918, Virgínia casou-se, em Curitiba, com Raymundo Antônio Forville, então, passou a chamar-se Virgínia Cobbe Forville. No dia 17 de abril de 1919, em Curitiba, nasce o filho único do casal Virgínia e Raymundo, Sílvio Forville. Em busca de melhores condições de vida, a família veio para Porto União-SC, na década de 1920, onde se estabeleceu com comércio de secos e molhados na Rua Matos Costa. Em 1945, seu filho Sílvio, casa-se com Natalina Manfroni. Dessa união nasceram os netos: Regina Maria, Maria Helena, Zélia Maria e Carlos Tadeu.

Maria Helena, sua neta, em depoimento carinhoso sobre sua avó, relata:

Virgínia era católica praticante, assídua frequentadora das missas na Igreja Matriz de Porto União. Ornamentava o altar com flores, cuidava com zelo e amor das toalhas do altar. Participava de todas as atividades da Paróquia. Por ocasião das festas na igreja, os dias eram de muito trabalho, para depenar, rechear e assar no forno de tijolos, as galinhas, para serem vendidas.

⁷ As informações contidas nesta biografia foram escritas pela sua neta, Maria Helena, a qual prontamente atendeu nossa solicitação. Registro nossos agradecimentos.

⁸ Membro fundador da Alvi. Ocupa a cadeira n.19 e tem como patronesse a Prof. Edy Santos da Costa.

Maria Helena destaca, ainda, que Dona Virginia foi uma das fundadoras do Apostolado da Oração, grupo de senhoras da comunidade, com o intuito de ajudar os mais necessitados. Essas senhoras usavam nas atividades religiosas uma fita vermelha, com uma medalha na ponta, que era colocada no pescoço. Era uma identificação. Virginia confeccionava essas fitas à noite. Esteve à frente do Apostolado da Oração, por duas décadas. As netas mais velhas eram companheiras da Dona Virgínia, para as missas, ornamentação do altar e nas visitas às amigas do apostolado.

Importante observar que à época poucas mulheres trabalhavam fora, mas o trabalho voluntário fazia parte de sua vida, em que pese, as inúmeras ocupações com os filhos e o lar. Podemos observar em quantas atividades ela se dedicou em prol da comunidade e das pessoas. Foi também uma das idealizadoras da criação e construção da Maternidade Mater Puríssima, anexa ao Hospital São Braz. Ela e a professora Araceli Friedrich não mediram esforços para conseguirem verbas para a construção da maternidade. As duas viajaram de avião, daqui a Porto Alegre, em busca de verbas para tal empreendimento.

Pela sua dedicação ao Apostolado e a grande número de pessoas que necessitavam de ajuda, ao falecer, dia 02 de setembro de 1959, aos 60 anos, depois de muitos dias hospitalizada, deixou um grande número de afilhados, comadres e compadres, em virtude de sua preocupação com o Sacramento do Batismo.

Acho justo e oportuno encerrar o texto com as lembranças da neta Maria Helena, a qual tem dela as mais lindas memórias:

Lembro-me dela sentadinha, com os óculos caidinhos no nariz, costurando. Morávamos todos juntos, como era o costume da época, avós, pais e netos. Uma convivência muito amorosa e gratificante para todas as gerações. Era carinhosa com os únicos netos, mas sempre corrigindo com muito amor e carinho. Virgínia era de baixa estatura e cheinha. Era altiva, de temperamento forte e marcante. Hoje acredito que ela era uma matriarca. Ela nasceu no século XIX, viveu parte do século XX e, hoje, posso dizer que se encaixaria bem, no século XXI. Era uma senhora à frente do seu tempo. Fez muita falta. Deixou muita saudade, ficou um vazio na família e na comunidade religiosa da Paróquia Nossa Senhora Das Vitórias. Legou-nos muitos ensinamentos a serem seguidos, de caridade, de amor ao próximo, sobretudo para com os mais humildes.

Essa foi minha avó.

NILCE DA SILVA REIS TEIXEIRA (1936)⁹Leni Trentin Gaspari ¹⁰

Inúmeras mulheres das “Gêmeas do Iguaçu” vêm sendo homenageadas num trabalho conjunto entre a Prefeitura Municipal de Porto União e Academia de Letras do Vale do Iguaçu, no Memorial na Praça da Mulher em Porto União , com objetivo de perpetuar seus feitos em prol da sociedade local e preservar suas memórias. Coube-me a honra de escrever sobre a Professora Nilce da Silva Reis Teixeira , o que faço com alegria e com apoio do seu filho Ulysses Teixeira. Conforme consta em sua certidão de casamento, Nilce nasceu na localidade denominada Espingarda - União da Vitória, no dia 17 de julho de 1936. Filha de Rosa Ferreira da Silva e de Abílio Hilário da Silva.

Foi casada com Affonso Reis Teixeira Filho (28/01/1956), já falecido, contador, poeta, escritor e político de União da Vitória. Dessa união nasceram 4 filhos: Virginia de Fátima Reis Teixeira, advogada; Ulysses Luís Antônio Reis Teixeira (Ulysses Teixeira), artista plástico, Marcos Vinício Reis Teixeira (já falecido) e Siomara de Cássia Reis Teixeira (Poetisa).

Nilce, mulher forte e de fibra, por ser de família pobre, começou a trabalhar, aos 5 anos de idade, como descascadora de frutas e limpeza, numa casa de família no Bairro do Rio D'Areia. Não conseguindo concluir seus estudos básicos quando criança, foi terminá-los já quando casada, mostrando sua vontade de ir além das suas atividades de esposa, mãe e nos cuidados do seu lar.

Persistente e guerreira frequentou em 1972/73 o Colégio Miguel Farah, dando

⁹ Todas as informações contidas nesta biografia, bem como a foto me foram cedidas pelo Sr. Ulysses Teixeira, , ao qual agradeço a gentileza e atenção ao meu pedido.

¹⁰ Membro fundadora da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupa a Cadeira n.19 e tem como Patronesse a Prof. Edy Santos da Costa.

início a uma nova vida voltada aos estudos e na preparação para uma realização profissional. Mais tarde, torna-se professora formada pela Escola Normal Professora Amasília e pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, (FAFI), hoje UNESPAR . Licenciou-se no Curso de História.

Seu desejo de ensinar as crianças tornou-se realidade e lecionou nos Colégios Bernardina Scheleder, em União da Vitória por 6 anos e no Colégio Germano Wagenfuhr em Porto União. Foi convidada para atuar na Secretaria Municipal de Educação de União da Vitória, ali ficou por 15 anos, coordenando várias atividades referentes a Educação. Por 12 anos atuou como supervisora escolar. Sua vida ligada a Educação revestiu-se de inúmeras atividades: coordenou, na época do Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, o programa " Um salto para o Futuro ", transmitido para todo o Brasil pela TV Educativa e depois pela TV escola, no âmbito da Secretaria Municipal do Ensino de União da Vitória. Além disso, coordenou o curso do Projeto Hapront (Habilitação do Professor não Titulado). em União da Vitória. Esse projeto foi iniciativa do governo do estado, através da Secretaria Estadual de Educação. Aposentada da Secretaria Municipal de Educação, veio a residir com seu esposo e filhos em Curitiba., onde faleceu em 22 de março de 2020.

Assim, é possível perceber naquela menina, outrora humilde, o quanto ela com dedicação, garra e competência tornou-se uma mulher cheia de ideais na prestação de serviços em sua comunidade, sem esquecer dos seus compromissos na família e atenção aos filhos e esposo. Lembranças lindas deixou aos seus familiares e amigos.

Por tudo que realizou na história da Educação foi homenageada na Exposição "MULHERES QUE FIZERAM PORTO UNIÃO DA VITÓRIA ",pela Associação dos Artistas Plásticos Amadeu Bona, às mulheres que ajudaram a fazer a história do município. Seu retrato exposto foi uma obra feita com muito carinho pelo seu filho Ulysses Teixeira, em março de 2019, intitulada : **Retrato de minha Mãe**. Homenagem merecida pela sua brilhante caminhada na Educação das cidades.

RHUT YELYTA FORTE

Ivo Dolinski¹¹

Rhut Yelyta Forte nasceu em São Paulo (capital) em 1935. E lá viveu por muitos anos. Contraiu matrimônio em 6 de março de 1952 com o industrial Domingos Forte. Teve dois filhos: Rosana e Domingos Forte Filho. Além de suas obrigações de esposa e mãe, em União da Vitória/Porto União, desenvolveu importações ações sociais nas cidades, pelas quais se faz merecedora da homenagem ora prestada pela Academia de Letras do Vale do Iguaçu - Alvi e Prefeitura Municipal de Porto União.

Uma pessoa dinâmica com visão de futuro principalmente voltada à educação das crianças, e com apoio do seu esposo deu destaque para importantes construções na cidade. Destaco inicialmente a Escola Lina Forte. Essa escola foi construída em frente a grande empresa Madeireira Miguel Forte, no Bairro Rio D'areia com objetivo de atender os filhos dos operários da referida empresa. Foi uma realização notável para as crianças do Bairro que passaram a ter uma escola próxima as suas casas. Vale dizer que era fornecido material escolar aos alunos, o que auxiliou sobremaneira as famílias nas suas despesas.

Outra contribuição relevante, foi a sua dedicação e influência junto as autoridades responsáveis para a construção do prédio da Escola Coração de Maria, em União da Vitória. Hoje, é uma escola grandiosa que recebe muitos jovens e crianças das duas cidades. No entanto, não só com as crianças ela se preocupou, mas também foi alvo do seu olhar generoso as pessoas idosas, com a doação de área, no Bairro Santa Rosa, em Porto União, para a construção da sede da Associação da Terceira Idade. Assim foi, Rhut Yelyta, sempre voltada as necessidades da comunidade deixando um legado reconhecido por todos.

¹¹ Membro da Academia de letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira n. 39. Patrono Raimundo Colaço.

NAHYR CECILIA COSTA ARAUJO (1915)¹²

Alúzio Witiuk¹³



Coube-me a honra de pesquisar e escrever a biografia da Sra. Nahyr Cecilia Costa de Araújo, no entanto tive a grata surpresa de receber dos familiares um lindo texto sobre ela, o qual considero digno de transcrever aqui, na sua íntegra, por acreditar que ele a retrata com muito mais fidelidade do que eu o faria. Assim, com a permissão do autor do texto, segue a linda história de uma mulher merecedora de ter seu nome no Memorial na Praça das Mulheres em Porto União.

Nahyr Cecília Costa Araújo vem revitalizar com sua luz os ideais que trilhou no mesmo caminho construído da “cidade amiga”.

Vida irradiante e cheia de ardor, exemplo para as mulheres de hoje que buscam corajosamente, de forma caprichada e cheia de interesse, ver, julgar e agir com mais meios de comunicação e auxiliar na caminhada pastoral, comunitária e social deste rincão. É importante lançar, em rede, o incremento biográfico permanente de mulheres, motivando o leitor a pescar, na história, para quem ainda não a conhece, a felicidade e esperança de uma cidade do Estado de Santa Catarina – Porto União.

Nahyr Cecília Costa Araújo nasceu aos 22 de novembro de 1915, vindo a falecer em 18/05/2002 com 86 anos. Nona filha do casal Salustiano Julião Costa e Clemência Gonçalves de Araújo Costa, com 11 filhos. Nasceu em Bocaiúva do Sul, distrito de Curitiba, projetando o ideal de conquistar muitas pessoas, aculturando-se se nas diversas localidades por que passou inclusive Valões, hoje Ireneópolis. Sentia-se enviada em missão permanente e, desde pequena, procurava auxiliar seus pais com pequenas contribuições adquiridas pelos seus trabalhos manuais, de arte e de tarefas que se incumbia de realizar. Visava se destacar ao partilhar com os demais irmãos a maravilha de sua

¹² Texto escrito por familiares de Nahyr Cecília Costa Araújo.

¹³ Membro da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupa a Cadeira n.º30 Patrono Prof. Serapião do Nascimento.

harmônica família feliz. Operou em vários lugares e cativou pessoas, num encontro atrativo somado pela sua fácil comunicação. Toda essa animação vinha de sua piedade e devoção a Maria, mãe de Jesus. Considerando que sua mãe a escolheu para se formar professora, foi estudante interna no Colégio Santos Anjos, 2ª turma do Magistério, e lá destacou-se com uma educação integral, didática e de artes, como costura, pintura, bordado, crochê... Tornou-se mais disciplinada ao ser pioneira, motivada a ensinar sem temor.

A missão é grande e urgente numa cidade em que o trem traz muitas novidades e gente de toda parte. Foi nomeada a lecionar em Três Barras, distrito de Canoinhas, onde a “Lumber”, empresa americana que fez do interior de Santa Catarina uma verdadeira cidade que possuía até escola, estabeleceu-se para explorar a madeira brasileira. Ficou longe de seus pais e, vez ou outra, ia para Porto União para visitá-los. Suas economias eram guardadas com o fito de utilizar quando alguém precisasse. Sem titubear, auxiliou seus irmãos a se estabelecerem no comércio, a fim de estarem aptos para se casar.

Também ela já estava noiva do apaixonado Darcy Pinto Araújo, filho da professora Amasília Costa Pinto Araújo, a quem ela devotava uma grande veneração. Casaram-se numa festa expressiva, que marcou época, organizada pela mãe Clemência, com docinhos elaborados pela sogra, professora Amasília, realizado no Hotel Avenida – do qual os pais de Nahyr eram donos, hoje onde está localizado o Cine Ópera. A festa religiosa aconteceu ao som de violinos, que ecoou e recarregou forças para Nahyr desenvolver seu projeto de criar, com seu querido marido Darcy, uma nova família, cheia de beleza e esperança.

Amou com devoção e serviço esse boníssimo homem que a acompanhou e confiou num enlace harmônico e feliz, testemunhando junto aos 5 filhos - Luíz Alberto, Zulméa, Amasília, Neusa Carmem e Maria Lúcia - o seu SIM no dia a dia.

Levou adiante o seu ideal profissional de professora e, dos 32 anos de Magistério, por 19 anos dedicou-se às crianças de 1º ano do primário, hoje ensino fundamental, a ler e escrever as primeiras letras, formando-as para serem felizes e confiantes em si. Alguns alunos, gratos e saudosos deste episódio, enviaram seus convites de formatura para a querida primeira professora que lhes ensinou a viver em comunidade. Indo a pé da Rua 7 de Setembro e, atravessando dois Estados, Santa Catarina e Paraná, chegava ao Grupo Escolar Professor Serapião, que na época distava seis quadras. Era longe para quem devia atender cerca de 30 alunos e, na volta, às vezes fatigada, não desistia. Encantava-se com as crianças de diversas etnias a quem ensinava a língua portuguesa.

Auxiliava no orçamento familiar, e com muitos afazeres em casa, pintava, crochetava, tricotava, além de educar seus filhos, com seu marido e seu pai, que morou com ela até falecer. Conciliava suas atividades familiares e escolares, ampliando seu círculo de amizade às vizinhas de rua e de bairro e da Paróquia, além de seus familiares que não eram poucos. Todos foram envolvidos pela sua expressiva atuação no Apostolado de Oração, conquistando

o engajamento na comunidade, aprendendo e ensinando, como secretária no âmbito religioso e espalhando o Amor ao Sagrado Coração e à Virgem Maria por onde passasse.

Como sujeita ativa, protagonista da evangelização e artífice da renovação social abriu as portas para muitas lideranças, inclusive sua irmã Dinorá e sobrinha Cibele, que auxiliaram na construção do Salão Paroquial atual, quando Nahyr já residia em Curitiba.

Na capital, movimentou num bairro “chique” os casais a inserir-se, tal como ela e o Darcy, na missão do “ide” correndo atrás da população para engajá-la no Reino de Deus, através da Legião de Maria e do Apostolado da Oração.

Como avó de 20 netos, em virtude de preocupação com eles, consolidou sua fidelidade a Deus e à família, contando sua história em diversas épocas e contextos, traduzindo sua ação na moderna visão que tinha do mundo em transformação. Com discernimento mostrava todo ânimo, carisma e amor na sede que tinha de oração. Viveram diversos momentos inéditos, o casal Nahyr e Darcy: durante os preparativos dos 50 anos de feliz convivência, dos 100 anos da Família Costa, quando se reuniram com os familiares. Acompanharam as festas de enlace matrimonial de alguns netos, os 25 anos dos filhos, em que todos compartilhavam e se deixavam inflamar pelo ribombar do grande amor de Nahyr e Darcy. Auxiliou a formação de um sacerdote, com seus óbolos e pagava o dízimo com regularidade, envolvendo-se no importante crescimento da Igreja Católica. Rezava muito por todos e incluía o Papa, pois desde pequena rezava por ele. Revelava o amor a Deus no próximo, tendo sempre em mãos a Palavra de Deus, explicada nas missas, muitas vezes diárias, contida na Bíblia.

“Ouve ó Israel: amarás o Senhor teu Deus, [...] e trará gravada em teu coração todas estas as palavras [...]: repetirás com insistência aos teus filhos, e delas falarás sentada em tua casa e andando em Teu caminho, deitada e de pé [...]; tu as escreverás nos umbrais da tua casa, e nas tuas portas” (Dt 6, 4-9). Nahyr colocou a mão na massa, fiel protagonista de uma nova cidade e construtora de uma nação, chamada Porto União. Mulheres como ela tinham em mente que, com dedicação, conseguiriam mudar o mundo. Sabiam que se juntassem a força que já vinha dos seus pais, não haveria barreiras que as pudessem impedir. Assim Nahyr e Darcy deram curso a esse movimento com sua família e a todos que tiveram a sorte de os conhecer, os caminhos a seguir. Eles sentiram muita confiança em Deus que os acompanhou ao longo da travessia pelo deserto da vida. Aconteceram no chão de Porto União, no início desta história e no transcurso feliz, originando outros amores.

MENAIDE NEUBAUER TROPAK (17/08/1937)¹⁴Leni Trentin Gaspari¹⁵

Nasceu em União da Vitória em 17/08/1937 e faleceu em 02/01/2000 na mesma cidade.

Filha de Evaldo Neubauer e Mercedes Alves Neubauer. Casou-se com Miguel Tropak (já falecido), com quem teve dois filhos, Margareth Tropak Flissak e Astolpho Neubauer Tropak e três netos, Stephanie, João Miguel e Raphael.

Graduou-se pela Escola Normal Colegial Prof^a Amasilia, em União da Vitória, em 1963. Ali nos conhecemos e tivemos uma bonita amizade. Muito estudiosa como normalista e também muito dedicada a sua paixão: a arte. Ela fez vários cursos, sempre voltados para as Artes, principalmente à pintura e, de acordo com Margareth, sua mãe Menaide começou sua carreira como pintora com o pintor Eugênio SCHWALOFF, em União da Vitória, entre 1957/1958.

“[...]meu avô a inscreveu para aprender com SCHWALOFF as técnicas da pintura de óleo sobre a tela; dali para frente não abandonou mais os pincéis. Fez vários cursos para ver novas técnicas. Sempre que podia, vinha a Curitiba para fazer cursos, principalmente, no Museu Alfredo Andersen, no centro de Artes Plásticas.

Atuou no ensino das séries iniciais e se aposentou em 1982, como Professora na Escola Vitória Fernandes, em União da Vitória. Sua afilhada, também chamada Menaide, fez questão de participar deste texto e nos relatou:

Com um currículo extenso, ministrou aulas da 1^a à 4^a série em União da Vitória, até sua aposentadoria pelo Município e Estado, especializando-se constantemente para ofertar sempre a melhor formação aos educandos. Orgulhava-se de aceitar o desafio de lecionar nas terceiras séries, preparando as turmas para além do currículo básico e transmitindo a história local. Por meio do

¹⁴ Esta biografia foi escrita com apoio no levantamento de dados por Margareth Tropak Flissak, filha Menaide e da sua sobrinha também Menaide. Meus agradecimentos à família pelo apoio recebido.

¹⁵ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupa a cadeira n.19 Patronesse Prof.^a Edy Santos da Costa.

mesmo município ainda assumia as aulas de pinturas: em tela, gesso, tecido; bem como de artes culinárias.

Menaide, mulher ativa e guerreira, não gostou muito da aposentadoria; segundo sua filha, ficou triste a princípio, porque gostava de estar com as crianças. Mas, dotada de um espírito forte, reinventou-se e abriu seu ateliê para dar aulas de pintura em óleo sobre tela. Ela fez várias exposições, tanto individuais como coletivas. De acordo com Margareth, ela pintou aproximadamente mais de duas mil telas “Deixou em seu ateliê duas telas inacabadas. Seu motivo ou gênero preferido para pintar eram as paisagens. Mas, aprimorou-se tanto em flores, que deixou um acervo maravilhoso, que encanta e enche os olhos de tanta beleza.”



E Menaide, sobrinha, também faz uma linda narrativa:

Pelo amor que ela tinha pela arte passou a ensinar ao longo dos anos para cerca de 150 alunos, por meio de aulas particulares em sua residência, na qual dispunha de ateliê próprio. Emoldurou majestosamente paisagens de nossa região e em especial temas florais, de todas as cores, formas e tamanhos, sob seu olhar minucioso retratava a natureza morta, explorando a fugacidade da vida. Prezando sempre pela educação, sustentou a sua vida nas artes plásticas e transmitiu cultura por onde esteve. E assim obteve a honra do reconhecimento à sua obra ainda em vida, participando de exposições, entrevistas e estando à frente da presidência da Associação dos Artistas Plásticos Amadeu Bona. Foi homenageada com uma Jardinete no município berço de seu nascimento.

Assim viveu Menaide, a professora, esposa mãe, avó e artista, cujo nome ficará inscrito no Memorial na Praça da Mulher, em Porto União, como homenagem pelo legado que deixou à família e à sociedade das “Gêmeas do Iguaçu”.

“Esposa exemplar, mãe maravilhosa, artista impecável, com um coração tão vasto e belo quanto suas obras,” relata com emoção a sobrinha e afilhada Menaide, que tem muito orgulho de ter recebido o nome da madrinha.

Não menos emocionada Margareth, encerrando seu depoimento, registra: “Falar da mãe traz muitas lembranças boas, principalmente lembrar da relação que tinha com meu pai. Casal maravilhoso que teve sempre muito amor, respeito, cumplicidade e principal admiração um pelo outro.”

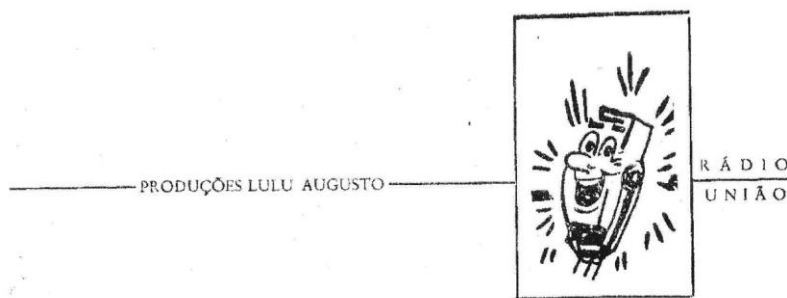
Relembrar fatos do passado, que envolvem pessoas amadas, provoca emoções guardadas com carinho e nesse processo de “puxar o fio da memória” somos atropelados por ondas que nos fazem mergulhar em sentimentos indefinidos. Obrigada Astolpho, Margareth e Menaide por exporem seus sentimentos, para que eu pudesse retratar um pouco da vida da nossa artista e amiga querida.



LULU AUGUSTO, A RADIALISTA.¹Fahena Porto Horbatiuk²

A Rádio União, foi fundada em 1942, e, a partir de 1968, teve como Diretora de programação, Lulu Augusto; Gerente, Pereira Filho; e Supervisor, Clóvis Pacheco. Contavam com pleno apoio de Read Curi e de Aníbal Curi. Este era o proprietário da rádio.

Seus colegas de trabalho, na época, eram: Shirlei Müller, Jaime Rezende, Nelly Reginato, Remi Nogara, Renê Augusto, Carlos Eduardo, Pereira Filho, Jorge Holz, Alfredo Alberto, Elza Stasiak, Trajano Pereira, Celso Platz, Bira Barbosa e Lamartine Augusto. A logo, criada por Lulu, para seu departamento na Rádio União, é a seguinte:



Lulu trabalhou na rádio por dez anos, dos quais, sete como diretora. Percebe-se que foi um tempo maravilhoso na vida de Lulu, pelo brilho no olhar e pelo tom da voz, durante a entrevista que nos concedeu. Nomeou alguns dos programas, entre eles, Alerta Petizada (programa de auditório, aos domingos, gerenciado por Pereira Filho); Teatrinho de Bolso (cenas de teatro, redigidas por Lulu, e apresentadas por ela, seus colegas ou convidados); Seja Você o Juiz (narrada uma história, os ouvintes, por telefone, faziam o julgamento dos personagens); Figuras e Fatos (aos sábados à tarde, entrevistava pessoas como Felício Domit, Adelaide Barbosa, Ivonich Furlani, e, para encerrar, os que eram artistas faziam algum número musical); Clube da Poesia (patrocinado por Danilo Cerqueira Leite, que comentava vida e obra de algum poeta e declamava um poema); Conversando com Maria (crônica religiosa, em estilo de oração); Falando Francamente (crônica diária); A vida em Espiral (espiritualidade); Por um Mundo Melhor; Gente e Destaque; O Caso de Hoje.

Lulu lembra as proezas, numa época em que não havia a tecnologia atual, para a rádio fazer a cobertura de Corridas Ciclísticas, patrocinadas por Carlos Evaldo

Unterstell, duas por ano. A corrida saía de perto do 5º BEC e Lulu levantava-se cedo, pegava seu fusca, e levava um funcionário da Copel, para que colocasse os fios de transmissão bem no alto, para que os locutores divulgassem o evento, sem acidentes.

Sobre os gostos musicais da época, relata que a preferência era por Orlando Silva, Ângela Maria, Wanderley Cardoso, como cantores; e os sertanejos, em geral. Algumas vezes ela dramatizou letras de músicas sertanejas, como se fosse uma historieta, e o povo apreciava essa recriação. Conta que Urânia Barbosa e Olga Vieira (hoje residente em Sergipe), entre outros, cantavam em programas de auditório.

Um dos Teatrinhos de Bolso, intitulado A Tragédia de Poços das Antas, com base em fato ocorrido no Rio Grande do Sul, em 1938, conta como Maria Tereza Müller, doze anos incompletos, é assassinada, no caminho de volta para casa, por um “monstro” a quem negara ceder a seus caprichos. Essa apresentação aconteceu em 1966. Já, em 1978, foi ao ar o teatrinho, Natal Chuvoso, baseado em um conto da própria Lulu, muito emocionante, em que um moço órfão, com apoio de sua mãe, torna-se médico, e feliz, numa noite de Natal, após atender ao apelo de uma jovem cujo pai carecia de internamento hospitalar. Daí, entre eles, surgiu o que o batalhador mais pedia a Deus, alguém para amar, que o compreendesse e com quem partilhasse a vida. Esse teatrinho foi apresentado por Arilda Ribas (mãe); Manoel Muzillo (Nertan); Lulu Augusto (Luíza); e Antônio Dias do Rosário (narrador). Entre os apresentadores teatrais constavam também: Manoel Riesemberg, Nelly Reginato, Carlos Otengi, Trajano Pereira, Neusa Reis, Getúlio Palma, Celso Platz.

Pudemos perceber a seriedade da atuação da jornalista Lulu Augusto, quando relata que produziu uma novela para a rádio, com base em um crime ocorrido em Porto União, quinze anos antes, em que fora sequestrada, colocada em cárcere privado, durante 15 dias, e morta, uma jovem chamada Zilda, cujo corpo aparecera mais tarde, às margens do Iguaçu, enroscado em ramos. Também foram mortos, algum tempo depois, o pai da moça, e o médico que a atendera no cativeiro. Essa novela seria passada na rádio, durante uma semana, com nomes diferentes, pseudônimos. Mas, durante essa semana, Lulu e Renê foram ameaçados de morte e, de fato, Lulu, por pouco, escapou de um atropelamento. O juiz de então queria recolher o original da novela, para interromper a apresentação, mas o pai da Lulu guardara o documento num Banco. Diante disso, no último dia da novela, um advogado e o juiz foram à rádio, para dar o

final da trama. Disseram que os criminosos foram todos identificados e prestaram esclarecimentos (final a gosto dos ouvintes, mas não houve justiça). Nessa novela, Lulu era a Zilda; Ruy Palma, um jornalista de fora, que estava na cidade, fizera o promotor; Nelly era a dona da casa de prostituição onde Zilda ficara presa. Segundo Lulu, os programas de maior audiência eram os feitos ao vivo. Quanto ao progresso da comunicação em rádio, Lulu diz que, naquele tempo, havia apenas duas emissoras de rádio AM, e que hoje temos 3 rádios AM, 3 FM e uma Comunitária, além do incremento incrível da internet. A sociedade como um todo mudou, e, com, isso, também mudou o estilo dos programas de rádio.

Aquiescendo a pedido nosso, Lulu passou-nos um poema dos seus: O Doce Nazareno, oferecido a Leni F. Jung:

E fico imaginando / Aquele doce Nazareno / Em sua vida de menino.

A luz do mundo / Iluminando a vida / O sal da terra, / Sem a alma ferida.

Fico imaginando / Aquele doce Nazareno / Sem ser o Cristo / Doloroso e magoado / Sem ser o triste / Crucificado.

Fico imaginando / Aquele belo rosto de luz / Que só o bem praticou / E nós O pregamos na cruz.

Eu correria até Ele / Nas minhas lutas / E nos meus ais / E nos seus braços / de Pai / Depositaria envergonhada / O meu pobre tesouro / Que colhi na caminhada.

Sei... / Jesus sorridente e feliz / Afagaria os meus cabelos / E diante dos meus desvelos / Abriria longa claridade /

E pelas mãos me levaria / Aos pés da felicidade.

Leonice Martins Hirsch (1931)

Marhareth Ribas¹



A professora Leonice é filha de João Martins Netto e de Marieta Gonçalves Martins. Nasceu em Cachoeira/RS no dia 20 de fevereiro de 1931 e faleceu no dia 25 de maio de 2003.

Casou-se com Milton Hirsch e tiveram as filhas: Ester, Elizabeth, Elenara, Eliane e Eliete.

Concluiu o curso ginásial e a Escola Normal no Colégio Santos Anjos. Formou-se no curso de Pedagogia na Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras/ Fafi, de União da Vitória/PR.

Foi professora no Colégio Balduino Cardoso, Colégio São José, Colégio Túlio de França, Colégio Lauro Muller Soares, Colégio Bernardina Scheleder, Escola Astolpho Macedo de Souza e Faculdade de Filosofia Ciências e Letras/ Fafi.

Foi Secretária da Educação no município de União da Vitória durante o mandato do Prefeito Alcides Fernandes Luiz quando desempenhou importantes ações pedagógicas.

Juntamente com sua equipe, incentivou e empenhou-se na criação da: Associação dos Professores Municipais, Associação dos Pais e Mestres nas escolas municipais, implantação do estatuto do Magistério municipal, efetivação do primeiro concurso público para ingresso no quadro dos estatutários, a criação de Cooperativas Escolares e a adoção de merendas escolares. Sendo estas ações muito importantes para a Educação do nosso município.

¹ Membro da Academia de letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira n. 40. Patrono João Tulio Marcondes de França.

IDA ROMANA HIRZINGER (1921)¹⁶

Leni Trentin

Gaspari¹⁷

Escrever sobre a Sra. Ida, a partir dos depoimentos das suas queridas filhas, foi emocionante e ao mesmo tempo prazeroso, pela pessoa linda e dinâmica que ela foi. Cada vez mais admiro esse projeto da Alvi e Prefeitura de Porto União, prestando homenagens às mulheres maravilhosas que participaram na construção da história local. Sinto-me honrada em participar da escrita de algumas histórias, tão bonitas como a da Sra Ida, da qual tenho lembranças da minha adolescência quando ia na Padaria Glória, com minha mãe, comprar suas guloseimas maravilhosas.

Ida Romana nasceu em Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul no dia 11 de junho de 1921. Filha de Jacob Bolkenhagem e Ottilia Neitzek Bolkenhagem e teve cinco irmãos. Sua família mudou-se para Carazinho Rio grande do Sul (RS), onde seu pai veio a falecer. Em seguida, enfrentando muitas dificuldades, Otília, sua mãe, mudou-se com os filhos para Joaçaba. Sua mãe estava muito doente e faleceu, quando Ida ainda era adolescente. Assim, muito nova começou a trabalhar e com 13 anos era balconista da Loja Bonatto, para ajudar nas despesas da família.

Nesse meio tempo seu irmão mais velho (Emilio) montou uma padaria em Joaçaba e contratou o jovem Hans para trabalhar com ele. Ida, já moça, conheceu Hans, seu futuro esposo, foi amor à primeira vista e para sempre. Casaram-se em 1942 e foram morar em Treze Tílias, terra do Hans. Nesse local nasceu sua primeira filha Irene, em 1943.

¹⁶ Para a escrita parcial da história da Sra Ida me utilizei dos depoimentos das filhas Roseli, Renate e Irene as quais me passaram suas lindas memórias sobre sua amada mãe. Obrigada meninas.

¹⁷ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguçu. Ocupa a Cadeira n. 19. Tem como Patronesse Prof. Edy Santos da Costa.

Logo mais, seu irmão Emílio resolveu vir morar em Porto União e os convidou para vir também, pois havia comprado uma padaria aqui. Aqui nasceu sua segunda filha Renate, em 1946. No entanto, sua cunhada começou a ter problemas de saúde, não se adaptando ao clima, pois tinha problemas respiratórios e decidiram voltar para Joaçaba. Diante disso Ida e Hans também retornaram para Treze Tílias. Nasceu sua terceira filha Roseli, em 1948.

Dedicaram-se à agricultura, mas tiveram muitas dificuldades e perceberam que precisavam dar um novo rumo a sua vida. Assim, armando-se de força e coragem, decidiram voltar a Porto União e aqui trabalhar. Era o ano de 1950 e o desejo do casal era comprar a padaria da Rua Sete de Setembro, que pertencia ao Senhor Binden .

Com o pouco dinheiro que tinham conseguiram realizar a compra. Padaria Glória era na época uma padaria simples que requeria muito trabalho para deixá-la no jeitinho que o casal queria, porém, a felicidade pelo bem adquirido e a incrível vontade de vencer qualquer desafio, deu-lhes forças para transformar o local numa “doçura”, para a cidade e região, e logo se transformou numa referência positiva nas cidades “Gêmeas do Iguaçu”, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico de Porto União.

A Padaria Glória, transformada, não foi apenas um local onde se vendia pães. Foi um espaço para encontros de famílias para um lanche, e também para as pessoas do interior que vinham para União da Vitória e Porto União, pois ali encontravam um ambiente acolhedor e aconchegante para as refeições de almoço e ou um lanche que era o café completo, com leite, uma porção de pães, cucas, doces, manteiga, mortadela, queijo e um bule de café e um de leite. As delícias, o capricho e o bom acolhimento na Padaria tornaram esse local um espaço de muito sucesso. Esse acolhimento não era apenas aos fregueses, Ida tornava isso possível também às pessoas pobres que por ali passavam e ela lhes oferecia alimentos. Esse ato generoso se estendia também ao trabalho voluntário feito ali mesmo, contribuindo com as festividades das igrejas, das escolas, e das instituições como o Sam e o Orfanato. Exemplos edificantes de amor, para suas filhas e seus funcionários.

Tanto amor em tudo que fazia resultou numa vida feliz para o casal e sucesso no que se dedicavam.

Nas palavras de suas filhas, Irene, Roseli e Renate:

Ida foi a mola mestre de toda essa caminhada, era uma pessoa especial observadora, delegava funções com muita sabedoria de forma firme e correta, mas sempre carinhosa com todos. Sabia ser enérgica firme e decidida quando necessário, e foi exemplo para muitos, principalmente para suas filhas. Sua vida era sua família, seu trabalho e seus funcionários que eram tratados como filhos, e ainda seus fregueses como membros da família. (2022)

Lendo os depoimentos de suas filhas Irene, Roseli e Renate, (2022), fiquei imaginando e, por momentos, me vi dentro da história dela, principalmente no evento da Noite de Natal em família. Muito lindo e emocionante.

Pela beleza do relato, compartilho aqui:

O Natal era uma das datas mais importantes a se comemorar. No dia 24 de dezembro mamãe arrumava lindamente o pinheirinho na sala de visitas, colocava presentes para todos e a fechava. À noite seu Hans e as filhas recebiam toda a família e os seus funcionários para ceia natalina. O momento mais esperado era abertura da sala onde estava o Pinheirinho iluminado e todos cantavam o hino Noite Feliz, com alegria e emoção pelos belos momentos compartilhados e pelos presentes recebidos.

Ida era feliz e tornava feliz os que estavam a lado dela. Juntamente com seu esposo amado construíram uma bonita história no desenvolvimento econômico e social de Porto União. Uma história que continua no legado deixado às suas filhas, genros netos e bisnetos que ainda hoje dão continuidade a esse empreendimento nas duas cidades, sendo referência, para famílias e grupos de amigos que desejam saborear um bom lanche num espaço acolhedor. Os familiares seguem os cuidados e os ensinamentos da vovó Ida, tanto na qualidade dos produtos, quanto no bom atendimento, aprendizado recebido de geração em geração.

Quem ama constrói! Segundo suas filhas, “[...] ela faleceu aos 54 anos e na cidade houve uma comoção muito forte. Muitas pessoas vieram prestar a última homenagem e ainda hoje ela recebe flores na sua sepultura” como prova de afeto e saudade dos amigos que ela em vida conquistou e deu um belo exemplo de vida, de mulher forte, corajosa e generosa com todos.

HELENA MANSUR BONA (23/08/1925) ¹

Cordovan Frederico de Melo Junior



Helena Mansur Bona nasceu na cidade de Matos Costa, Estado de Santa Catarina, em 23 de agosto de 1925, filha de Elias Mansur e Maria Mansur.

Fez curso primário no Grupo Escolar Balduino Cardoso, em 1936. Completou o Curso Complementar no mesmo estabelecimento, em 1939. Completou o Curso Fundamental no Colégio Santo Anjos, em 1944 e, em 1946, o Curso Normal Colegial e o Curso de Pintura Plástica, ainda no mesmo Colégio.

Em 12 de abril de 1947, contraiu matrimônio como Sr. Amadeu Bona, resultando então o nascimento de seus cinco filhos: Amadeu, Wancler, Roberto e Vera Lúcia (gêmeos) e Ana Maria, dos quais se orgulhava e chegava até vibrar de alegria com as conquistas decorrentes na vida de cada um.

Fazia tudo para que sempre houvesse harmonia no lar, não gostava de ver ninguém triste. Pessoas expansiva, fazia amigos com a maior facilidade, em qualquer parte. Amorosa, sensível e habilidosa nas maneiras de organizar as brincadeiras que liderava nas excursões organizadas pelo Coral Bento Mossurunga.

Gostava muito de viajar, dizia que na encarnação passada devia ter sido viajante. Habilidade também na maneira de organizar seu trabalho costura, pintura, bordado, tricô, crochê, frivolidé.

Começou a lecionar no Grupo Escolar Professor Balduino Cardoso, designada pela portaria nº 2921, de 28.09.1948. Em 17 de março de 1952, passou a lecionar no Grupo Escolar Astolpho Macedo Souza, conforme Portaria nº499, de 20 de fevereiro de 1952.

Em 25 de setembro de 1963, assumiu o cargo de secretária, conforme Portaria nº 4394, de 11 de setembro de 1963.

Grupo Escolar Astolpho Macedo Souza, exerceu ainda as seguintes funções: Trabalhos Manuais (2 anos), Regente da 1ª série (4 anos), Regente da 2ª série (1 ano), Regente da 3ª série (1 ano), Regente da 4ª série (1 ano), Orientadora Pedagógica (2 anos), Cooperativista (2 anos).

¹ Biografia escrita pelo Acadêmico Cordovan Frederico de Melo , extraída do livro União da Vitória – Nossa História – Uniporto, 1990.p.233-234

Em 09 de junho de 1976, foi nomeada para o cargo de Inspetora Auxiliar de Ensino, 15 c, no Município de União da Vitória, conforme Portaria nº 1931, de 04 de junho de 1976. Em 06 de outubro de 1978, foi aposentada, conforme Resolução nº 7218.

Gostava de cantar e chegou a organizar um quarteto vocal (REALEJO) componente do conjunto de Harmônicas Bona, tomando parte em várias apresentações artísticas. Gostava de participar de serenatas com os filhos, nas casas dos amigos.

Fez parte do conjunto de Serestas do SESI de Porto União (canto) com várias apresentações, inclusive no Teatro Paiol, em Curitiba. Apresentou-se sempre com destaque nas apresentações do Conjunto dos Artistas (PRATA DA CASA) formado por músicos, poetas, cantores e instrumentais locais, nas apresentações em Noites de Artes nos clubes locais e em outras cidades.

Tomou parte no Coral da Maestrina Thereza Bieberbach e Dejanira Pasqualin, onde se destacou nos cantos em casamentos, principalmente, no momento mais solene (Canto Solo), Ave Maria.

Uma das Fundadoras do Coral Santa Cecilia, que com a fusão do Coral Túlio de França, originou o Coral Bento Mossurunga. Participou de todos os concursos de Corais da Liga Alto Uruguaí. Participou também em todos os concursos e encontros da FECOR (FESTIVAL DE CORAIS) local.

DILLE TESTI CAPRIGLIONE¹⁸

Por Maris Stela da Luz Stelmachuk¹⁹



Filha de Bruno Testi e Ritta Sedano Testi, a professora Dille Testi Capriglione, nasceu em Porto União, Estado de Santa Catarina, no dia 16 de agosto de 1923.

Casada com Darci Capriglione, tiveram dois filhos: Luís Bruno e Dilarcy. De Luís Bruno teve dois netos: Elaine e Luís Maurício. Elaine lhe deu dois bisnetos, Mateus e Murilo. Luís Maurício também lhe deu dois bisnetos, sendo Anna Luísa e Luís Eduardo. Dilarcy teve quatro filhos, Rossane, Rosiele, Pedro e Alexandre. Rossane teve Daniele e Matheus. Rosiele teve Caio. Pedro teve um filho que se chama Pedro Júnior e Alexandre teve um filho chamado Augusto.

Cursou e diplomou-se na Escola Normal Santos Anjos, em 30 de novembro de 1946, sendo que ingressou no Magistério no ano de 1950, iniciando sua vida profissional em uma escola do Bairro São Cristóvão, de União da Vitória, Paraná. Em 1956, passou a lecionar na Escola José de Anchieta, onde se aposentou como professora, em 07 de junho de 1979.

Dedicou parte de sua vida a esta escola, transmitindo aos seus alunos o bem, a moral, a dignidade humana. Lecionava para turmas de terceiras séries, mas também para jardim de infância. Quando trabalhava com estas turmas, além das aulas do currículo normal, fazia a preparação de alunos para atuarem em peças teatrais na escola e em outras apresentações artísticas.

Era uma personalidade marcante, com capacidade para exercer bem as funções escolares, mas também outras, pois além de sua vida profissional, Dona Dille, como era conhecida, fez parte da equipe de Liturgia da Catedral Sagrado Coração de Jesus, em União da Vitória. Por ter o dom da oratória, participava como palestrante na Casa de Formação, local de reunião para cristãos católicos, da mesma diocese. Era convidada para participar de cursilhos de formação e reflexão para casais. Suas palestras tinham cunho de depoimentos e testemunhos sobre os temas de reflexão que fazem parte dos referidos cursilhos.

Em casa, dedicava-se à cozinha, na preparação de pratos doces e salgados, que todos apreciavam, sendo sua especialidade, empadões e raviólis. Dedicava-se também a trabalhos manuais, como tricô, confeccionando blusas para a família e roupinhas para bebê. Participou de reuniões de mulheres que faziam crochê nas dependências da Casa das Rendas, tradicional loja de aviamentos, linhas e lãs em União da Vitória. Como mãe

¹⁸ As informações para este texto foram cedidas por sua nora Eliane Capriglione e seu marido Luís Bruno Capriglione, neta Elaine e também sob consulta em <http://escoladille.blogspot.com/p/sobre.html>. Acesso em 15.04.2022.

¹⁹ Acadêmica da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI), ocupante da cadeira 16.

e avó, dedicava-se a seus filhos e netos, não medindo esforços para demonstrar seu amor.

Nas escolas onde atuava, gostava muito de comemorar o Dia das Mães e, por fatalidade, foi este o dia de sua morte, em lamentável acidente. Dona Dille jamais será esquecida, pois em sua trajetória semeou amor, fraternidade entre seus familiares e pessoas que a cercavam. Em reconhecimento à sua contribuição para a Educação infantil da região, pela Lei Municipal 1.339/85, de 17 de abril de 1985, a professora Dille passa a ser nome de escola: Escola Municipal Professora Dille Testi Capriglione, situada à Avenida Irati, no bairro Cristo Rei, Município de União da Vitória.

ANA PEREIRA DA MAIA (Sinhana Bitá)

Therezinha Wolff¹

Em Porto União (SC), nos jardins da Paroquia São Pedro e São Paulo, em um Marco foi erigido e inaugurado em 05 de agosto de 2007, para homenagear uma mulher, cujo trabalho realizado foi de grande importância na formação social e religiosa do bairro, denominada atualmente de Bairro São Pedro. O marco consistiu-se numa forma retangular na posição horizontal, construído em cimento de tamanho 1,20 cm X 80 cm de largura, contendo nele uma placa em metal com uma homenagem à Ana Pereira da Maia Bitá, mais conhecida como “Sinhana Bitá”. A construção do marco teve por objetivo reconhecer o trabalho de Sinhana Bitá junto à comunidade local. Também na placa há presente os idealizadores do monumento para essa homenagem.

Seu nome, Ana Pereira da Maia Bitá, celebra-se como Sinhana Bitá. Devota de São Bom Jesus de Iguape, estabeleceu-se na região, em 1882, tomando para si a responsabilidade de erguer a primeira capelinha em louvor ao santo. Teve início, ali, um arrabalde, mais tarde Bairro dos Tocos. A realização de festas e foguetórios atraiu a população da vizinhança e os tropeiros, transformando o local em um ponto de parada dos tropeiros. O arrabalde tomou proporção que, em 1889, na capelinha rústica foi recepcionado D. José de Camargo Barros, primeiro Bispo do Paraná, quando regressava de Palmas e Guarapuava. A própria Sinhana Bitá foi quem regularizou junto à municipalidade as terras onde fora edificada a capelinha e seus arredores. Hoje, a paroquia atende a população do bairro, que tem vida própria e, que desde 1935, realiza a festa da fogueira de São Pedro, já incluída no calendário de eventos turísticos.

¹ Membro da Academia de letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira n. 20. Patrono: Yvonnich Furlani

